

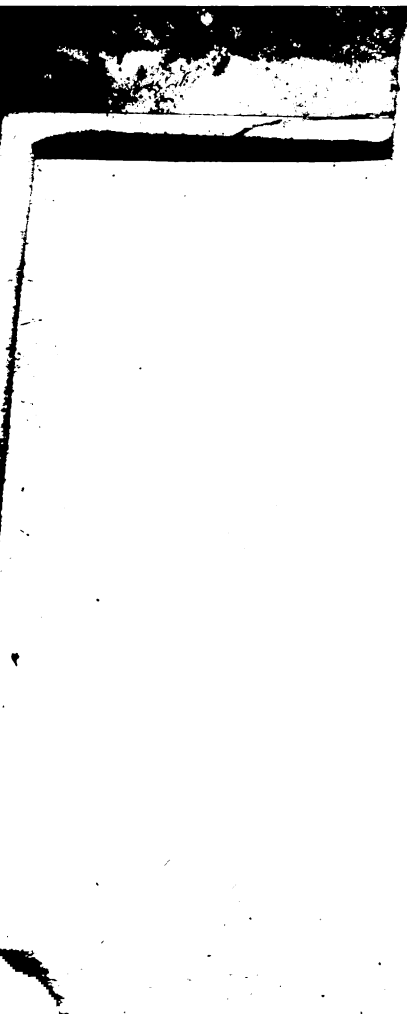
276022

✓

H. 116



OETICAS



OBRAS POETICAS
DE
NICOLÁO TOLENTINO
DE ALMEIDA.

T O M. I.

L I S B O A,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCCCI.

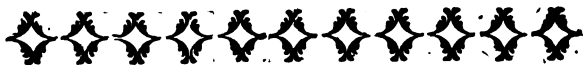
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

76

1217



JACOBUS



SONETO I.

SE a febre atraçoada em fim declina,
 E se se esconde a aberta sepultura,
 Ao vosso rogo o devo, ó Virgem pura,
 Por quem me quiz livrar a Mão Divina;

Sem Vós debalde a experta Medicina
 Traça, e aparelha a desejada cura;
 Sem Vós o Indio adusto em vão procura
 A amarga casca da saudavel Quina;

Quando em luta co' a morte me contemplo,
 Sem haver já no Mundo quem me valha,
 Do vosso grão poder, que grande exemplo!

Vencestes; e em memoria da batalha
 Penduro nas paredes deste Templo,
 Rasgando hum novo Lazaro a mortalha.

A Sua Alteza.

SONETO II.

DE bolorentos Livros rodeado
 Móro, Senhor, nesta fatal Cadeira,
 De quinze Invernos a voraz carreira
 Me tem no mesmo posto sempre achado;

Longo tempo em pedir tenho gastado,
 E gastarei talvez a vida inteira;
 O ponto está em que, quem pôde, queira,
 Que tudo o mais he trabalhar errado;

Principe Augusto, seja vossa a gloria;
 Fazei que este infeliz ache ventura,
 Ajuntai mais hum facto á vossa Historia;

Mas se inda aqui me segue a desventura,
 Cedo ao meu fado, e vou co' a palmatoria
 Cavar n'um canto da Aula a sepultura.

A

A Sua Alteza.

SONETO III.

POr espalhar crueis melancolias
 Fui seguindo do Téjo a clara veia;
 Cheguei ao sitio, em que sonóro ondeia
 Nas frescas praias da Real Caxias:

Não vi naquelle, como nos mais dias,
 De feges, e de tropa a margem cheia;
 Não ouvi resoar na vasta arcia
 Do rouco Patrão Mór as gritarias:

As Tágides gentis não levantavão
 Ao lume d'agua as crystallinas tranças,
 Seus Hospedes Reaes não esperavão;

Dormia o vento sobre as ondas manças;
 Só na deserta praia revoavão,
 Alto Senhor, as minhas esperanças.

No

No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima.

S O N E T O IV.

SE as insignias da Escola pendurando,
 Honrosas, porém rígidas algemas,
 Fosse em humildes, simples poemas,
 O teu Nome ás Estrellas levantando:

Se eternas férias aos Rapazes dando,
 Me instruisse em politicos systemas;
 E esta mão, que atéqui riscava themas,
 Reaes Decretos fosse registando:

Se do alto da Ajuda, onde os Destinos
 Me salvassem dos dous Quinctilianos,
 Dêsse o ultimo a Deos aos meus Meninos;

Que favores, Senhor, tão soberanos!
 São quasi incriveis; mas por isso dignos
 Do faustissimo dia dos teus Annos.

Ao

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Marquez de Angeja.*

S O N E T O V.

TReze Invernos, Senhor, tenho contado
Depois que o fado meu, triste, e mesquinho,
Sobre alto assento de lavrado pinho,
Me faz ser de crianças escutado:

Metti á força este rebelde gado
Dos amenos estudos no caminho;
E alçando hum velho, crespo pergaminho,
Por elle sans doutrinas lhe hei dictado:

Entre mim, e esta brava gente moça,
He já tempo, Senhor, de assentar pazes;
Porém sem Vós receio que não possa:

Interponde palavras efficazes;
E fazei com que eu dê, por mereo vossa,
Sueto para sempre aos meus Rapazes.

Ao

Ao mesmo Senhor.

S O N E T O VI.

SE me vedes, Senhor, ao vosso lado,
 Não me julgueis teimoso requerente;
 Sou hum calado, manso pertendente,
 E só venho fazer-me a Vós lembrado:

Quando ao déstro Cocheiro for mandado,
 Que os fogosos cavallos appresente,
 Permitti-me que eu vá, entre a mais gente,
 E vos dê n'huma venia o meu recado:

Se o trouxerdes, Senhor, bem na memoria,
 E puzerdes em mim olhos beninos,
 Fareis acção illustre, e meritoria;

E eu, por desfeita aos barbaros Destinos,
 Quebrarei neste patco a palmatoria,
 Triste insignia dos Mestres de Meninos.

Na

No dia dos Annos do mesmo Senber.

S O N E T O VII.

Mil virtudes, Senhor, pondo de lado,
E mil louvores; filhos da verdade,
Por malicia só louvo a humanidade,
Que com Jarretas tendes praticado:

Hum Rodrigues por Vós agazalhado
Em longa, trabalhosa enfermidade;
O que he do Sello, e em quem o poz a idade,*
Co' seu barrete a par de Vós sentado:

Dar franco abrigo aos miseros humanos,
Principalmente aos que já forão moços,
Fará amor em corações hircanos;

Por isso enfeito estes cançados ossos,
Por isso venho neste dia de annos
Co' sentido nos meus, louvar os vossos.

Em

* Hum Criado, que tinha Officio na Casa do Sello,

*Em outro dia de Annos do mesmo Senhor,
que tinha muita lição de Camões.*

S O N E T O VII.

Neste dia aos louvores consagrado,
Por materia, Senhor, tenho a Verdade,
O Prestimo, a Prudencia, a Humanidade,
E as mais Virtudes, de que sois ornado;

Faltava só estilo levantado,
E de roubar Camões tive vontade;
Mas de cór o sabeis de tenra idade,
E co' furto nas mãos logo era achado;

Dos vossos Annos, para nós vividos,
São na Patria sinceros pregoeiros
De baixa inveja os corações despídos;

Jurão-vos isto os versos meus rasteiros;
Os do vosso Camões são mais polidos,
Porém estes, Senhor, mais verdadeiros.

Ao

Ao mesmo Senhor.

S O N E T O IX.

Não ponho em vossas mãos a prosa fria
De longa petição impertinente ;
Novo genero sou de pertendente ,
Que trato de negocios em Poesia :

Não peço nesta o que nas mais pedia ;
Não fallo nos rapazes certamente ;
Fallo , Senhor , por huma afflicta gente ,
Que em vós sómente espera , em vós confia :

Hum desgraçado , que em fatal tormenta
Ora soçobra , ora refurge assima ,
Seu naufragio por mim vos representa ;

Quer que eu vos peça , e que vos peça em rima ;
Lembrou-lhe bem ; porque o Camões assenta
Que só quem sabe a Arte , he quem a estima.

Fa-

Fazendo Annos o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja.

S O N E T O X.

EM seus braços robustos vos tomárão
Os Destinos, que á terra hoje descião ;
E dos dias doirados que tecião ,
A fatidica história começárão :

Mil brilhantes acções de Vós cantárão ,
Que através do futuro ao longe vião ;
E entre as cousas famosas que dizião ,
Este caso, Senhor, prognosticárão :

Por Vós ferá a mais fortuna alçado
Quem viva treze annos, por castigo ,
A Narrações, e Exordios condemnado ;

Elles, Senhor, vos chamão meu abrigo ;
E se no mais verdade tem fallado ,
Não fiquem mentirosos só comigo.

No

*No dia , em que o mesmo Senhor chegou
do Alemtéjo.*

S O N E T O XI.

LArgas do Téjo a esquerda ribanceira ,
Illustre Conde , e aos ventos te abalanças ;
E eu deixando em decúrias as creanças ,
Sahi dous passos fóra da trapeira :

Os olhos alongando pela esteira ,
Que hia abrindo o escaler nas ondas mansas ,
Sentia renascer as esperanças
De dcixar os Rapazes , e a Cadeira ;

Chega a Lacaio o fordido garoto ,
Cuidadoso Anspessada a galões finos ,
E chega o Goromete a ser Piloto ;

Ou tarde , ou cedo mudão os Destinos ;
Só eu , Senhor , supponho que fiz voto
De não passar de Mestre de Meninos.

Es-

*Escrevendo das Caldas o A. ao mesmo
Senhor.*

S O N E T O XII.

AS ferradas muletas encostando,
No banho entrava hum velho macilento,
A quem eu em sizudo cumprimento
Seus males lastimei, quasi chorando :

A trémula cabeça hum pouco alçando,
Me pergunta o convulso rabujento :
= Quem es tu, que assim vás o meu tormento
Com tristes reflexões accrescentando ?

Eu fou, lhe digo, hum ramo desgraçado
Da antiga geração dos Tolentinos,
A dar escola vivo condemnado ;

Maldize, ó Moço louco, os teus Destinos ;
Que não deve chorar alheio fado,
Quem tem o de ser Mestre de Meninos.

Ao

Ao mesmo Senhor no dia dos seus Annos.

S O N E T O XIII.

V Ir beijar-vos a mão, Senhor, não posso
Tão loução, como o dia me aconselha;
He de pedra enganosa a Cruz vermelha,
E este pobre vestido he velho, e he grosso;

Se não trago mais pompa, o crime he vosso;
Já pudéra, Senhor, em sege velha
Governando a cordões meia parrelha,
Ornar com fitta preta o meu pescoço:

Vestido em ar de Corte, festejára
Da preciosa vida a luz primeira,
Daquelle que os meus ferros me quebrára:

Na vespera accendêra huma fogueira;
E em honra vossa, a minha mão queimára
Quatro bancos de pinho, e huma Cadeira.

At

Ao mesmo Senhor.

S O N E T O XIV.

EM puro voto aqui vos dou pintada
De meus successos a feliz historia ;
Deixai , Illustre Conde , que em memoria
Fique nestas paredes pendurada :

Vereis huma Cadeira destroncada ,
Despojo honroso de immortal victoria ;
Vercis huma vencida Palmatoria
Entre as Armas de Angeja debuxada ;

Se os Náufragos , Senhor , que a praia bejão ,
E escapárão da morte ás mãos mesquinhas ,
Devotas taboas pendurar desejão :

Acceitai Vós tambem offertas minhas ;
Não zombeis do painel , talvez que estejão
Com menos causa alguns nas Barraquinhas.*

Par-

* Casa de Romagem.

*Partindo para Salvaterra o Illustrissimo, e
Excellentissimo Senhor D. Diogo de No-
ronha, boje Conde de Villa Verde.*

S O N E T O X V .

EM quanto sobre o Téjo prateado
Te infuna fresco vento os soltos pannos,
E vás fer dos amaveis Soberanos,
Com grato acolhimento agazalhado:

Em quanto corres, de espingarda armado,
Da fria Salvaterra os campos planos,
Eu cá fico entre os dous Quinctilianos,
Livrinhos a que vivo condemnado:

Se no meio de imagens de alegria
Lembrar d'hum triste Mestre a historia crua,
Que já co' as taes Creanças se agonia;

Faze, Illustre Senhor, por vida tua,
Que elle possa, com muita cortezia,
Pela ultima vez pollos na rua.

Ao mesma Senhor.

S O N E T O XVI.

EM quanto, é bom Noronha, as brancas vélas
 Vão felizmente aos ventos desfraldando,
 Sobre as aguas te vão acompanhando
 Filhas do Tejo as candidas Donzellas:

Largando de oiro fino as ricas téllas,
 Vão diante da proa o mar cortando;
 No lume d'agua aos ares ondeando
 Sobre os hombros de neve as tranças bellas;

Cos' tristes olhos cá de longe as figo:
 Sem mim, Senhor, aos ventos te abalanças?
 Não foi assim em tempo mais antigo;

Mas em vão foges nessas ondas mansas,
 Que através dellas hão de ir contigo
 O meu desejo, e as minhas esperanças.

Ao

*Ao mesmo Senhor, chegando de fóra
do Reino.*

S O N E T O XVII.

INda me lembra o venturoso dia,
Em que pizei comvôco estas estradas;
Hoje as deixei dos olhos meus regadas
Com pranto de saudade, e de alegria;

Não só obrigação, mas sympathya
Aqui vos trazem estas cans geladas,
Que a vossa Illustre Casa fez honradas,
E donde hão de ir á sepultura fria;

Hum ginja achais, do Pindo desterrado,
Hum Banqueiro infeliz, que em jogo grosso
No mesmo instante fica desbancado;

Não fou quem era no bom tempo nosso;
Só não achais meu coração mudado,
He sempre o mesmo, he sempre aberto,
(e vosso.

No dia em que nasceo o Illustrissimo, e Excellentissimo Senbor D. José de Noronha.

S O N E T O XVIII.

FOrmoso Infante, ao Mundo ha pouco dado,
 Gloria, e amor dos inclytos Parentes;
 Que á sombra illustre de Troféos pendentes,
 No regaço da Paz fereis creado;

O caminho da gloria achais trilhado
 Por mil famosos, claros Ascendentes;
 Ou na Corte, com maximas prudentes,
 Ou na Guerra, com sangue derramado;

Vossa vida prolonguem os Destinos;
 Lereis dos bons Noronhas algum dia
 Honrosos Feitos, de seu sangue dinos:

Lereis que o braço seu tanto podia,
 Que trocava cadeiras de Meninos
 Por bancos da Real Secretaria.

No

*No dia em que o baptizou seu Tio o Excel-
lentissimo, e Reverendissimo Senhor Prin-
cipal Almeida.*

S O N E T O XIX.

DA alta Sião as torres levantadas,
Já, Senhor, ante Vós vedes patentes;
Já manão sobre Vós fantas enchentes
Do Tio Illustre pelas mãos sagradas;

Se achais no Mundo maximas erradas,
Co' as do puro Evangelho incoherentes,
Ponde os olhos nos inclytos Parentes,
E vereis mil virtudes praticadas:

Segui, Senhor, de seus honrados peitos
Nos Politicos Dogmas, ou Divinos,
As fans doutrinas, e os illustres Feitos;

E quando manejares Calepinos,
Dai-me a honra de ouvir os meus preceitos,
Se eu for ainda Mestre de Meninos.

Fa-

*Fazendo Annos a Illustrissima, e Excellen-
tissima Senhora Marquiza de Lavradio
fóra da Corte.*

S O N E T O XX.

SE de alheios laccios emplumados
Tropel brilhante não abafa a estrada,
Nem vedes essa mão sacrificada
A falsos beijos, por costume dados :

Vedes em cambio corações honrados,
E fobre o nosso rosto a alma pintada ;
Vedes, Senhora, a illustre mão beijada
Do Esposo, e Filhos, e feis Criados.

Este oiro, que aqui brilha, não tem fezes ;
Péga innocenciã aos corações humanos
O campo aberto, os ares montanhezes ;

Aqui não doira a vil lifonja enganos ;
Vinde, Senhora, aqui passar cem vezes
O faustissimo dia destes Annos.

A

*A Illustrissima, e Excellentissima Senhora
Condeça do Vimieiro.*

S O N E T O XXI.

A Os pés da Illustre Vimieiro hum dia
Lagrimosas Quintilhas recitava,
E o digno coração que as escutava,
Da causa por que as fiz se condoia;

Na sizuda attenção com que as ouvia
Já por bem pago o triste Author se dava;
Mas a tanto favor se adiantava,
Que até a protecção lhe prouctua;

Nobreza, discrição, semblante, agrado,
São contra a má fortuna tantas lanças,
Que me supponho quasi despachado;

Mas se até fallão estas esperanças,
Vou ser já na escola, já desesperado,
Em vez de Mestre, Herodes das crianças.

*Ao Illustrissimo , e Excellentissimo Senhor
Conde de Villa Verde , hoje Marquez de
Angeja , no dia dos seus Annos.*

S O N E T O XXII.

EM quanto me inflammar fogo sagrado
A solta , voadora fantasia ,
Illustre Conde , este brilhante dia
Sobre aureas cordas ha de ser cantado ;

Mas já o velho Tempo atraçoado
Com os gêlos na mão me segue , e espia ;
E em breve o espirito , que no ar se erguia ,
Das loiras Musas se verá mofado .

Então já frio ginja , mas de gala ,
Rebocados os candidos monetes ,
Farei em prosa huma rançosa falla ;

E á noite , governando os minuetes ,
Encherei as funções de Mestre Sala
Com oculos , bordão , e joanetes .

Ao

*Ao Filho do Illustrissimo , e Excellentissimo
Senhor Marquez de Angeja em desculpa
de não entrar o A. no seu quarto , quando
teve bexigas.*

S O N E T O XXIII.

BEm conheço, Senhor, sem que mo digas,
Que passa a ser hum crime este receio,
Em quem por ti se deve ir pôr no meio.
Das lanças, e de espadas inimigas:

Não me lembrar de obrigações antigas,
Nem por onde a fortuna em fim me veio,
He cousa feia; mas inda he mais feio.
O semblante de hum velho com bexigas:

Das rôxas marcas, que no rosto trazes,
Tua grande bondade me dispense;
Ajunta este favor aos mais que fazes;

E qual fez maior bem, o Mundo pense;
Se teu Pai em livrar-me de rapazes,
Se tu, do cruel mal que lhes pertence.

Pe

Pedindo o A. ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Rezende hum Beneficio para hum Sobrinho.

S O N E T O XXIV.

SE em meio de altas coufas, em que trazes
 Por serviço do Throno o teu cuidado;
 Se de importantes prosas rodeado,
 De humildes versos algum caso fazes;

Ouve, Illustre Senhor, singelas frases
 De hum antigo Poeta apozentado,
 Cujó assumpto, por teima de seu fado,
 Sempre he pedir que o livrem de rapazes:

Foi Mão Real, e nunca afsás louvada,
 Como em meus versos muitas vezes leste,
 Quem me livrou da mais rapaziada:

He digna a tua de livrar-me deste;
 Peior que todos; carga mais pezada;
 Davão-me os outros pão, e eu dou-o a este.

Em

Em agradecimento ao mesmo Senhor.

S O N E T O XXV.

OS oculos, Senhor, ao ar alçados,
Os Filhos, e a Conforte compungindo,
Vai piedoso Jarreta construindo
Em fante alpendre os votos pendurados:

Alli mostra grilhões despedaçados,
Rotos baixéis aos mares resistindo,
E pálidos doentes resurgindo
D'entre Medicos máos; até pintados:

São más as tintas; mas he bom o intento;
E pois que o grato coração se esmera
Em pôr ao Beneficio hum Monumento;

Não te rias do voto que te espera;
Em teus altos Portaes ao Mundo, e ao vento
Vou pendurar hum Clerigo de cera.

Ao

*Ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor
Principal Castro, pedindo-lhe a soltura pa-
ra hum Estudante preso por turbulento, e
em allusão aos Sonetos antecedentes.*

S O N E T O XXVI.

A Quelle de quem Tu o sangue trazes,
Já me livrou de hum íntimo cuidado,
Deo ouvido piedoso ao meu recado,
O mesmo fez, que Tu agora fazes.

Em mal polidas, mas humildes frazes,
Hum Soneto lhe foi apprezentado;
O papel vinha em lagrimas banhado,
O assumpto, já se sabe, erão rapazes.

Mostrou ao rogo meu lêdo semblante;
E o seu illustre coração clemente
Honrou, e despachou o Supplicante;

Tu es seu Filho; e não ferá decente,
Que sendo o caso em tudo semelhante,
Só o successo seja differente.

Em

Em agradecimento ao mesmo Senhor.

S O N E T O XXVII.

AS pistólas, Senhor, deitando fóra,
E desta vez sem Verdcacs ao lado,
O manso Ferabrás ajoelhado
A mão vos beija austeramente, e bemfeitora;

Contrafazendo cara de quem chora,
As culpas attribue á inveja, e ao fado;
E por doudas algemas ensinado,
De ser hum Santo faz tenção por ora;

Não fico pelo novo Penitente;
Só sei que a mão, que os ferros lhe rompêra,
A mim prezô me deixa eternamente;

E á vossa porta o vulto seu quizera,
Qual do Sobrinho, meu deixar pendente;
Mas homem tal, quem o fará de cêra?

Do

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Luiz Pinto de Sousa, tendo promovido o
despacho de hum Irmão do A.*

S O N E T O XXVIII.

Senhor, deste Volcão convencionista,
Eu, mais que o triste Irmão, no prigo entrava,
Que tem que ver fuzil, que não matava,*
Co' a setta ervada de huma Letra á vista?

Do Rosselhão na rapida conquista,
Da Magdalena na subida brava,
Eu daqui mesmo ao lado seu marchava,
Nomeado por elle em Assentista;

Hoje porém, em que ambos nós curamos,
Elle o golpe do peito, eu os da caixa,
E com a espada a bolsa penduramos:

Qualquer de nós o alegre rosto abaixa;
E essa mão bemfeitora vos beijamos,
Elle por despachado, eu por dar baixa.

Ae

* Tinha sido tocado de huma bala.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senbor José de Seabra da Silva, tendo promovido o despacho de huma Tença para as Irmans do A.

S O N E T O XXIX.

COm pardo, Carmelita vestuario,
Irmans, que contão já muito Janeiro,
Abrindo-vos tambem hum mialheiro,
Tambem vos estão dando o pão diario;

De Registos ao vasto Santuario,
Com tres lumes accezo o candieiro,
A Tença que lhe déstes de dinheiro,
Recompensão com outra de hum rosario;

Co' as vozes suas vai a minha unida;
Mas riscavão-me logo de Confrade,
Se a tenção co' as palavras fosse ouvida;

Peço, Senhor, á Eterna Potestade,
Que ao Bemfeitor conceda mais de vida
Os annos que as Devotas tem de idade.

Ao

*Ao Senhor Conselheiro Francisco Feliciano
 Velho da Costa , Procurador Fiscal das
 Mercês.*

S O N E T O X X X .

Senhor, hum triste Alferes reformado,
 Pobre, e caído, além de pertendente,
 Seus papeis me apresenta humildemente,
 E quer que vão á Cruz do Taboado;

Apenas lhe cubria o peito honrado
 Farpada casaquinha transparente,
 Os pobres fazem dó, principalmente
 A quem do mesmo mal anda apalpado;

Peguei nas Certidões, fui combinallas;
 E depois de arranjallas, e cozellas,
 Em nome meu lhe prometti mandallas;

E pois que são Mercês o objecto dellas,
 He digno officio em Vós fiscalizallas,
 E em mim costume antigo recebellas.

MO-

M O T E.

O Illustré, o Benefico Tarouca.

S O N E T O XXXI.

DE mil Crédores horridas lembranças
 Em torno da cabeça revoando,
 Irmans rotos çapatos amolstrando,
 E já sem pós as empeçadas tranças;

Crue! Fortuna, ainda te não cansas,
 Tantos desejos meus em flor cortando!
 E com sceptro de ferro estás mandando
 Que eu seja Mestre eterno de Creanças!

Ora talvez que brevemente vejas
 Hum triunfo escapar-te, ó Deosa louca,
 Porque já não sou eu com quem pelejas;

Conheci nos meus braços força pouca,
 Chamei o grande Almeida, os bons Angejas,
O Illustré, o Benefico Tarouca.

Na despedida da Quinta das Lapas.

S O N E T O XXXII.

NEsta Quinta, onde mora a sã verdade,
 A doce paz, a solida alegria,
 E aonde da suavissima Poesia
 Vi correr outra vez 'doirada idade;

Hum triste, que partio para a Cidade,
 Chorando sobre as letras que escrevia,
 No verde tronco de hum cypreste abria
 Este padrão da sua faudade =

Em quanto; ó bom Marquez, as Mufas bellas
 Vão porfiando a qual primeiro tome
 De mirto, e loiro para Vós capellas;

Este tronco, que o tempo não consome,
 Irá erguendo ás lucidas estrellas
 A minha gratidão, e o vosso Nome.

Das

*Aos Annos de hum Juiz do Crime em dia,
que tinha acompanhado hum Padecente.*

S O N E T O X X X I I I .

ERgueo aos Ceos alegre gritaria
Do escuro Tronco o aladroado bando;
E nas rotas abobadas voando
Teu claro Nome resoar se ouvia :

Altanado Marujo em pé se erguia,
E a suja bolsa com xibança alçando
= Haja vinho, e comer, vamos xupando,
Acceite Baccho este sagrado dia ;

Aos bellos Annos, diz, do Illustre Ramos
Cem vezes dêmos empinada taça,
Porque por fim com elle nos achamos ;

Os antigos grilhões nos despedaçã ;
Daqui nos vem tirar, com elle vamos
Dar gosto ao Povo no Cardal da Graça.

No dia, em que chegou a Náo dos Quintos.

S O N E T O X X X I V .

SE a larga popa trazes alastrada
Cos' prenhes cofres de metal luzente ;
Que importa, ó alta Náo , se juntamente
Vens de pranto, e penhoras carregada ?

Para ver tanta cara envergonhada ,
E pôr no Limoeiro immensa gente ,
Para isto surcaste a grã corrente
Dos ventos, e das ondas respeitada ?

Se alegras huma parte da Cidade ,
Ergues na outra hum fordido Porteiro ,
Vendendo trastes velhos por metade ;

Traz bens, e males teu fatal dinheiro ;
Huma alta paz aos homens de verdade ,
Hum estupor a cada caloteiro.

No

No ultimo dia de Férias.

S O N E T O . XXXV.

PRégou o eloquentissimo Macedo
Em casta linguagem Portugueza;
Veio a Fortuna ao lado da riqueza
Doirar-me a banca, que eu armei a medo;

Com modo affavel, com semblante ledo
Dava alma a tudo a Senhoril Marqueza;
Assamblea por fim de tal grandeza,
Que acabando alta noite, acabou sedo;

Sentio ferver meu cavernozo peito
Escumante licor, manjares finos,
Função, a que não anda muito affeito;

No meio disto os meus crueis Destinos
Me lembrão (por não ter gosto perfeito)
Que era o outro dia dia de Meninos.

A

A dous Velhos jogando o Gamão.

SONETO XXXVI.

EM escura Botica encantoados,
 Ao som de grossa chuva que cahia,
 Passavão de Janeiro hum triste dia
 Dous Ginjas no Gamão encarniçados;

Corra, Vizinho, corra-me esses dados,
 Gritava hum delles, que nem boia via;
 De sangue frio o outro lhe dizia
 Mil anexins naquelle jogo usados;

Dez vezes falha o misero antiquario;
 E ardendo em furia o tremulo Velhinho,
 Atira c'uma tabola ao contrario:

O mal seguro golpe erra o caminho;
 Quebra a melhor garrafa ao Boticario,
 Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

Aos

Aos que apontão á Banca.

S O N E T O X X X V I I .

O Coração com ferro temperado
Tinha o duro inventor da Banca injusta;
Jogo fatal, que tantas penas custa,
E que tem fartas bolsas despejado;

Quantas vezes eu tive ao ar alçado
Vistozo parotim, que a Banca affusta!
Quantas vezes o vi, á minha custa,
Co' as doces esperanças derribado!

Já lá ha de ter dado conta estreita
Quem inventou a triste corriola,
Que a cega mocidade a perder deita;

Porque ainda que ás vezes nos consola,
Em malhando meia hora na direita,
Deixa o maior taful pedindo esmola.

Con-

Convalescendo o A. de humas Sezões , não tendo ainda o Ordenado por inteiro.

S O N E T O XXXVIII.

A Côr perdida, o gésto demudado,
Sobre hum pobre Sobrinho posto o braço,
Vou enfiando o mal seguro passo
Pelas nuas paredes encostado;

De cem papeis de Quina rodeado,
A amarga dóze em fresco Rhim amaço;
Ao cheiro horrivel feias caras faço,
Tendo na mão o fatal cópo alçado;

Seguindo do bom Cunha os documentos,
Vim fazer nestes campos exercicio,
Lavados sempre de fadios ventos;

Aqui mil votos faço ao Ceo propicio,
Que me mude algum dia os crescimentos,
E me passem dos pulsos para o Officio.

A

Na occasião da Loteria Inglesa.

S O N E T O XXXIX.

LOiro rapaz em alto levantado,
 Com o ar da Nação, franco, e singello,
 Ao duro golpe de fatal martello,
 Alçava o braço meio arregaçado;

Na movel Urna, onde habitava o Fado,
 Mettendo a mão até ao cotovello,
 Mostrava ao Povo tímido, e amarello,
 Em negro fio hum papelinho atado;

Alguns grosso thesouro em si continhão;
 Mas as Sortes que d'antes se fazião,
 Para os pobres Tafues de molde vinhão;

Salvas, xouriços, sempre ao ar pendião;
 Real cada papel; de máo só tinhão
 Que os premios, que erão grandes; não
 (lahião.

A

*A hum Taful, que protestou não apontar
á Banca.*

S O N E T O XL.

Que tornas a apontar, prometto, e attesto;
Que eu, passaro bisnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o mesmo voto,
Jógo o que trago, e jogarei de resto;

Seguimos os Tafues o mesmo aresto,
Que segue nas tormentas o Piloto;
Hum parolim desfeito, hum masto roto
Tem produzido muito vão protesto;

Ainda dos ardidos Jogadores
Vão as pragas subindo sobre o vento,
Já tornão para o jogo os tacs Senhores;

He caso, em que não liga o juramento;
Qual parida, que grita com as dores,
E sahe prenc no fim do regimento.

SO-

SONETO . XLL

DE infautos parolins nunca vencidos ,
 Mil vezes levantei jogo brilhante ;
 Perdia-os todos , e no mesmo instante
 Hião ao chão , sem ninguem ver , mordidos ;

Alvejando entre os lúgubres vestidos ,
 A Ninfa Tutelar se poz diante ;
 Na doce voz , no angelico semblante ,
 Vi logo os circumstantes embebidos ;

Indo lavrando o rígido Banqueiro
 De marcas numerosa quantidade ,
 Ouvi , que me dizia hum companheiro =

Não choremos a nossa adversidade ;
 Porque aonde perdemos o dinheiro ,
 Perderá muita gente a liberdade .

SO-

S O N E T O XLII.

POr ti, Senhora Illustre, ouvido, e honrado,
 Do Trinta e Hum á meza me assentava,
 E nos campos do jogo a medo entrava
 D'outra batalha ainda ensanguentado ;

Mostrou respeito o meu teimoso Fado
 A quem comigo ás vezes conversava ;
 E sobre outros Tafues descarregava
 Os golpes que me tinha preparado ;

Já diante de mim o Erario via ;
 Mas era noite de tão bom agouro,
 Que este era o menor bem que eu recebia ;

Sim me dava a Fortuna prata, e oiro ;
 Mas nos ditos discretos que te ouvia,
 Me derão as três Graças hum thesouro.

En-

Entregando o Ponto á Deosa Fortuna.

S O N E T O XLIII.

IMpia Deosa, hum Taful desesperado,
 Profanando estes horridos lugares,
 O Ponto queima sobre os teus altares,
 Dom funesto, que tu lhe tinhas dado;

Recebe em vil triumpho este Az rasgado,
 Que aqui penduro ao rouco fom dos ares;
 E vem, por ser mais digno de o acceitares,
 Em lagrimas de fangue inda banhado;

Já puz nas tuas mãos grossos tostões;
 Mas se em paga me dás cansados dias,
 Mais não quero provar-te as sem-razões;

Que aos que apontão, por fim, tu sempre envias,
 Ou com faca na mão para os Pégões,
 Ou com tigella para as Portarias.

Ao

Ao Jogo do Isque.

S O N E T O XLIV.

Qualquer Tافل, que nas partidas roda,
 Logo na meza do Isque se intromette;
 Ao jogo da tristeza se submette,
 Escravo vil da variavel moda;

Quando em guerras ardessa a Europa toda,
 E fuisse aos Ministros o topete,
 Nenhum no aferrolhado gabinete
 Andára tanto co' a cabeça á roda;

Deve o jogo causar divertimento;
 Mas o tal Isquezinho endiabrado
 Mette as sérias cabeças a tormento;

Eu nunca o jógó; só me traz tentado
 Bisca cuberta, Truque fraudulento,
 Que são os jogos com que fui creado.

A

A buns Annos.

SONETO XLV.

HUm Taful, que passou ao vosso lado
 No fêrvido Estoril hum quente dia,
 De cuja bolsa já cotão sahia,
 Que assim o quiz o *Sêve* endiabrado;

Hoje a Lyra na mão, o rosto alçado,
 Largando o cópo, para os Ceos dizia:
 = Cem vezes raies, ó ditoso dia,
 Que dêste ao Mundo este Taful honrado:

Não lhe peço que imite os seus Maiores,
 Bem lho encômda o sangue, inda q̃ mudo,
 Dos antigos, Reaes Progenitores;

Só lhe peço que faça ao *Sêve* estudo,
 E deixe sem real estes Senhores
 Com o cópo na mão topando tudo.

SO-

S O N E T O XLVI.

EM rotos pergaminhos encoftado,
 Sobre nua Cadeira ao alto erguida,
 Vou confumindo a miseravel vida,
 De bizonhos rapazes escutado;

Da antiga Roma o feculo doirado
 Anda sempre entre nós em crua lida;
 De Cicero a facundia conhecida,
 Do puro Horacio o gosto delicado;

Mas destes homens mil passagens bellas,
 Que na cabeça á viva voz lhe encaxo,
 Vão-lhe lá hoje perguntar por ellas?

Só para consolar-me, nelles acho
 Os mais bonitos moldes de fivellas;
 E de çapatos com entrada abaxo.

Dei-

Deitando hum Cavallo á margem.

SONETO XLVII.

V Ai, misero Cavallo lazarento ,
 Pastar longas campinas livremente ;
 Não percas tempo , em quanto to consente
 De magros cães faminto ajuntamento ;

Esta fella , teu unico ornamento ,
 Para final de minha dor vehemente,
 De torto prégo ficará pendente,
 Despojo inutil do inconstante vento :

Morre em paz ; q̃ em havendo algum dinheiro,
 Hci de mandar , em honra de teu nome,
 Abrir em negra pedra este letreiro =

Aqui , piedoso entulho , os ossos come
 Do mais fiel , mais rápido fendeiro ,
 Que fora eterno a não morrer de fome.

*A hum Sujeito , que pela primeira vez se
tosquiou para pôr Cabelleira.*

S O N E T O XLVIII.

DEaffronta effes cascos cabelludos,
E o Sol os veja pela vez primeira;
Saiba tambem essa vestal caveira,
Que ha Nortes frios, e Aquilões agudos;

Chovão-te aos pés os crespos gadelhudos,
Que te abafão a pállida vizeira;
E rolem sobre as praias da Junqueira
Ao som do vento os fordinas canudos;

Tizouras, com o gume de cutéllos,
Afadas em ásperos rebollos,
Deixem-te os cascos limpos de novellos;

Porém de todo poderás compollos,
Se assim como lhe pões outros cabellos,
Pudéras encaixar-lhe outros miolos.

SONETO XLIX.

DEpois que á luz de trémula candeia
 Entre os pobres lençoes me revolvia,
 E ao cerebro dormente já subia
 O grosso fumo da indigesta cêa;

Brilhante sonho na enganada idéa,
 Por maior mal, venturas me fingia;
 Fez-me entrar na Real Secretaria,
 Fez-me logo deitar sege á boléa;

Poz-me na sala hum espaldar comprido,
 Hum válido Lacaio em camizola,
 E hum Correio com chapa no vestido;

Eis que soa na porta a dura argola;
 Foge-me o sonho, acódo espavorido,
 Era hum rapaz, que vinha para a Escola.

*Satyra ds Contradaças em dias de Procif-
sões de Quaresma.*

S O N E T O L.

A Inda os vagos ares atroava
De velhas Regateiras fujo bando ;
Que a Cruz setima vez acompanhando ,
A incerta salvação assegurava ;

O devoto Taful se alevantava ,
Escolhida Parceira convidando ;
Eu vi hum , que inda os olhos alimpando ,
A' caixa da rabeça a mão lançava ;

Retine a Contradaça nos ouvidos ;
Destramente se trocáo pés , e braços ,
De que todos ficámos compungidos ,

Que este era o fim da Procifsão dos Passos ;
Cuidavamos , mas fomos advertidos ,
Que inda faltava o jogo dos abraços.

Pin-

Pintando huma bulba de dois Bebedos.

S O N E T O L I.

DE descalços miquetes rodeado,
 Por escuro armazem da Boavista,
 Vinha sahindo hum tremulo xupista,
 Em rota capa ás canhas embuçado;

Outro que tal o traz defafiado,
 Caximbo no chapeo, calção de lista;
 E fora o caso, porque o tal copista
 Pagou primeiro, sendo convidado;

Ambos errando huma infeliz punhada,
 Comfigo em terra os vís Athletas derão
 Ao som de vergonhosa surriada;

Famosos fôcos entre os dous se esperão;
 Mas a gente ao redor ficou lograda,
 Porque em vez de brigar adormecêrão.

A

A impertinencia dos Sinos de Villa Viçosa.

SONETO LII.

Que importa, ó Torre, q' dos Ceos beninos
 Chegue o dia a partirmos destinado,
 Se hum milhão de cabeças tem quebrado
 O ingrato som de teus teimosos Sinos?

Entre os males, que os barbaros Destinos
 Para os nossos ouvidos tem creado,
 Peior que ir-vos ouvir, só tenho achado
 Ir ouvir as lições dos meus Meninos:

Não posso fazer mal senão co' a penna;
 Se pudesse, apontára hum tiro rudo,
 E fizera o que fez o Carracena: *

Sinos crueis, vós fazeis raiva em tudo,
 Dobrando, repicando; e em fim he pena
 Que não toqueis tambem a entrar no Estudo.

A's

* General Castelhana, que com huma bala quebrou hum Sino em Villa Viçosa.

As Fivellas grandes.

S O N E T O L I I I .

EM curto Josézinho rebuçado
 Loiro Paralta a rua passeava ;
 Scus votos pela adufa lhe accitava
 Com brando rizo hum rosto delicado ;

O Pai da Moça , que era ginja honrado ,
 E o caso havia dias espreitava ,
 De membrudo Caixeiro se escoltava
 Com bengala na mão , xambre traçado :

Fugira o Moço , qual ligeira péla ,
 Se as fivellas de marca agigantada
 Deixassem navegar a Não á vela ;

Mas vio huma entre esquinas encalhada ,
 E se ninguem comprou maior fivella ,
 Tambem ninguem levou maior massada .

Ao

Ao Mez de Janeiro.

S O N E T O LIV.

Tyranno Mez, não te bastavão frios,
Nem vís catarros, de que vens armado?
Quêres tambem que marchem a teu lado
Cos' Mandados nas mãos os Senhorios?

Em podre throno de caixões vazios,
Na Praça do Deposito assentado,
Gostas de ouvir Porteiro esganiçado,
Mettendo a trote os alugueis tardíos?

Embora seja assim; Malsins ingratos
Comboiem pela suja Cotovia
Os penhorados Domingueiros fatos;

Mas não juntes o escarneo á tyrannia;
Não mandes que entre tantos defacatos
Te chamemos o Mez da Cortezia.

SO-

SONETO LV.

C Haves na mão, melena desgrenhada,
 Batendo o pé na casa, a Mãi ordena,
 Que o furtado colxão, fofo, e de penna,
 A Filha o ponha alli, ou a Criada:

A Filha, Moça esbelta, e aparaltada,
 Lhe diz co' a doce voz, que o ar serena:
 = Sumio-se-lhe hum colxão, he forte pena;
 Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? tu zombas disto?
 Tu cuidas, que por ter Pai embarcado,
 Já a Mãi não tem mãos? E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
 Eis senão quando (caso nunca visto!)
 Sahe-lhe o colxão de dentro do toucado.

A

A Mulher que açoitou o Marido.

S O N E T O LVI.

Mulher do Capellista, acaba a empreza,
 Que o Mundo sem razão chamou tyranna;
 Vai açoitando esse infeliz banana,
 Nódoa do sexo, horror da natureza;

A vil rapaziada Portugueza

Com falsa cantilena o Povo engana;
 Nem coifas inventaste á Castelhana,
 Nem as vastas fivelas á Malteza;

De mais alta invenção he bem te prézes;
 Legislando melhor que Tito, ou Numa,
 Emendaste huma lei dos Portuguezes;

Não padece isto d'úvida nenhuma;
 A lei açoitá a quem cazar duas vezes;
 Tu mostras, que contigo basta huma.

A

* Foi objecto de cantigas dos rapazes.

A huma Sege de aluguer.

SONETO LVII.

Que Sege, Senhor Conde? eu fiz hum voto
 De andar antes por mar, e mar cõ Moiros;
 He triste habitação dos máos agoiros,
 He hum resto infeliz do Terremoto;

De astuta palmatoria o bico ignoto,
 Em vão fura do Macho os furdos coiros;
 Em vão fulmina rígidos estoiros
 Do bebado Arreeiro o braço roto;

A parda caixa he documento antigo;
 He prova, de que os annos gastadores
 De cada ponto fazem hum postigo;

He Sege tal, que em nada poupa dores;
 Por mais que a feche, lá vão ter comigo
 As injúrias do Tempo, e as dos Crédores.

SO-

SONETO LVIII.

ARte infeliz, Rhetorica chamada ;
 Ensino as tuas leis, mas não as creio ;
 Ou nunca ergueste fogo em peito alheio,
 Ou tu já hoje estás degenerada ;

Da conjunção dos tempos ajudada,
 Teu vão poder só dos acaços veio ;
 Na demanda fatal, que em ti pleiteio,
 Cicero mesmo não vencêra nada ;

Quero suppôr que a minha causa toma ;
 Veria então que a força dos Destinos
 Com força de palavras não se doma ;

E a lingua, que abrandou peitos ferinos,
 Que os Povos attrahio, que salvou Roma,
 Me deixaria Mestre de Meninos.

De-

Definição de Chanfana.

S O N E T O L I X.

C Omprada em asquerozo matadoiro
 Sanguinoza forçura, quente, e inteira,
 E cortada por gorda Taverneira,
 Cujó caxaço adorna hum cordão d'oiro;

Cabeças de alho com vinagre, e loiro,
 E alguns carvões, que saltão da fogueira;
 Fervendo tudo em vasta frigideira,
 Cos' indigestos figados do toiro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
 Grato manjar, mas que por causa justa
 Dá hum sabor, que nem o démo o atura;

Isto he Chanfana, e sei quanto ella custa;
 Deo-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
 A não valer-me a vossa Mão Augusta.

SO-

SONETO LX.

DOs ruffos Machos na cahida orelha
 De tres lustros a marca anda estampada ;
 Entre as caimbas, hum palmo pendurada
 Babando réga a terra a lingua velha ;

Troquei por Andaluz, ferril parelha,
 De alegre cara, e corpolenta offada ;
 Os pés sem ferro, a cauda tosquiada,
 E o vasto bojo cheio de guedelha ;

São Machos tacs, que natural fereza
 Do *Lagoia* á fatal cavalhariça
 Os levará co' a sege a arrastos preza ;

Mas já que em dar-lhe a torna houve preguiça,
 Se forem ter-lhe á caza por braveza,
 Poupo a vergonha de irem por justiça.

A

A humas Sezões teimozas.

SONETO LXI.

Não posso mais, crueis Sezões malinas,
 Tratar-vos bem como vos hei tratado;
 Já misero cotão sahe despegado
 Das rotas algibeiras crystallinas;

Buscai agora a quem chegar das Minas,
 Ou quem entronque em linha de Morgado;
 Que algum vintem que eu tinha, está fumado
 Em Aguas de Inglaterra, Purgas, Quinas:

Mudai sitio, que eu mudo de costume;
 Já não revoão neste Promontorio
 Rolas de pezo, frangas de xorume;

Torna a furgir no simples refeitorio
 O fiel bacalhao, o vil legume,
 Que he o que d'antes dava o reportorio.

So

Sobre protestos de não apontar á Banca.

S O N E T O LXII.

B Abando sobre fardida tigella
 Subtil Mercurio em pillulas tomado,
 Jura o dorído, pállido Soldado,
 Nunca mais ver a cara á tal Donzella;

Mas como Fados zombão de cautella,
 Com bom capote, á choupa conquistado,
 Sobre duas muletas encoftado,
 Se poz a affobiar á porta della;

Tal, ajoelhado ao vencedor Banqueiro,
 Com mil votos formaes, mas sem virtude,
 Jurou a paz este infeliz Parceiro;

Chegão as horas, resistir não pude;
 E da porta a que fui, vim de dinheiro,
 Como o Soldado veio de faude.

A

*A hum Cabelleireiro , que por leves ciumes
da futura Noiva queimou o enxergão , e
ajustou outro Cazamento.*

S O N E T O LXIII.

NUpcial enxergão em chammas arda
Em pena do trahido amor primeiro ;
Que este honrado , infeliz Cabelleireiro ;
Pelas manhas da besta pune a albarda ;

Poz logo aos pés de mais formozza Anarda :
Seu vago coração aventureiro ;
Comprou novo enxergão por mais dinheiro ;
Que Amor conserve em sua santa guarda :

Ouvirão-se ternissimas promessas ,
A que elle respondeo : = Por vida tua ,
Dos protestos que fazes , não te esqueças =

Mas praza ao Ceo , que em quanto elle na rua
Enfeita á moda martyres cabeças ,
Não lhe fação em caza o mesmo á sua .

*No dia , em que Suas Magestades chegarão
de Villa Viçosa.*

O D E.

TEjo feliz , que as ondas fernavas
Aos Reis que conduziás ;
E soberbo do pezo que levavas ,
Queixumes não ouviás ;
Sente outra vez os hombros teus cortados
De duras quilhas , de esporões doirados.

Ferem das praias gritos nas estrellas
Do Povo , que esperando ,
Mil vezes abençoa as preñhes vélas ,
Que ao longe branquejando ,
Lhe vem trazendo sobre as ondas manfás
Da Luza Gente os Reis , e as esperanças.

Se

Se abrindo as brancas azas emplumadas
 Alvos Cisnes não vejo;
 Se co' as loiras cabeças levantadas
 Não vem Filhas do Têjo
 A pintada Galera rodeando,
 E co' peito formoso o mar cortando:

Se azues Delfins não saltão, mergulhando,
 Nas ondas prateadas;
 Se vaidozos, a quilha levantando,
 Nas espadoas doiradas,
 Não vem guiando a cortadora proa
 Aos altos muros da fiel Lisboa:

Se alçando sobre os mares conquistados
 A verde, hirsuta frente,
 Não vem, inda de sangue raziados,
 Do humilhado Oriente,
 Pelo aurífero Têjo, o passo abrindo,
 Ajoelhar ante Vós o Gange, e o Indo:

Senão vejo na vaga fantazia
Mil imagens brilhantes,
Com que exalta enganoza Poezia
Illustres Navegantes,
Falsos enfeites de venal mentira,
Indignos da alta Muza, que me inspira;

Nos olhos me fuzilla fante lume
De singela verdade;
Offendem vãos ornatos de costume
A austeridade;
As lagrimas que vejo, ternas, puras,
Não são, não são fantasticas pinturas.

Hum Povo, que vos ama, alvoroçado,
Cubrimdo as praias vejo;
Outro deixais, em lagrimas banhado,
Ao Sul do claro Téjo,
Erguendo os vossos Nomes ás estrellas,
E cos' olhos seguindo as brancas vélas.

Não

Não chegais em triunfo á Augusta Corte
Com Frota em guerra armada ;
Não vejo abrir diante o horror, e a morte
A sanguinoza estrada :
Fostes vencer co' as armas da brandura ;
Todo o pranto que vistes foi ternura.

Não trazeis ante Vós maniatados
Lagrimozos cativos ;
Paternos campos não deixais juncados
De corpos femivivos ;
Não vejo voltar no altar de Marte,
Tinto de sangue, bellico Estendarte.

Singelos corações a Vós rendidos,
Por triunfo trazeis ;
Trofeo maior, do que trazer vencidos
Ricos, soberbos Reis ;
Talentos de reinar, que vos foi dado ;
Nos vence os corações, não braço armado.

Fa-

Fazeis alegre entrar na patria terra
O Americano adulto ;
Reconta os cazos da passada guerra
A' Esposa, que com fusto
Lhe vai banhando em lagrimas de gosto
As cicatrizes do cortado rosto.

A forte mão, que ainda fumegava
Co' fangue não poupado,
Na dura terra com mais gosto crava
O conhecido arado ;
E a melhor uzo o ferro convertendo,
Em paz herdados campos vai rompendo.

Espalhe sobre Exercitos cerrados
Sibillantes peloiros ;
Colha, de fangue, e lagrimas banhados,
Os fantasticos loiros
Quem da Sorte chamar dom soberano
Banhar as cruas mãos em fangue humano :

Amar

Amar a paz, amar a sã verdade,
Enfrear a cubiça,
Saber unir á solida piedade
Inflexivel justiça,
Esta he do Throno a verdadeira gloria;
He esta de meus Reis a honroza historia.

*Em*

Em louvor da Amizade.

O D E.

MUza frouxa, e rasteira,
 Que o louco Amor, e seus triunfos cantas,
 He hoje a vez primeira
 Que affirma das estrellas te levantas;
 Não arda o santo fogo
 Sempre em materias vans, de rizo, e jogo.

A virtude sublime,
 Filha do Ceo, a candida Amizade,
 Que chama feio crime
 Voltar a cara á pobre humanidade,
 He quem hoje te inspira,
 Quem te appresenta a desfuzada Lyra.

De-

Debalde negro fado
Cubrio meus dias de fortuna escura ;
Debalde tem jurado
Ser meu contrario até á sepultura ;
Não dar-me valimento ,
Deixar meu nome em baixo esquecimento.

De Solarcs antigos ,
Nem thesoiros herdei , nem vã grandeza ;
No seio dos Amigos
Me poz o Ceo mais solida riqueza ;
Não teme duro fado
Quem alcançou fiel Amigo ao lado.

Sobre inhospita praia
Lance o mar o Navio destroncado ;
No rolo d'agua faia
O naufrago Piloto descórado ;
Arêas não pizadas
Enfope o triste em lagrimas cansadas ;

Se

Se em tão duro castigo
 O Ceo, por novo caso não pensado,
 O encontrasse co' Amigo,
 Que anda da cara Patria desterrado,
 Chorára de alegria,
 Feliz talvez chamasse o triste dia.

O escravo na corrente,
 Em mizero suor banhado o rosto,
 Encha d'oiro luzente
 A mão cruel, que os ferros lhe tem posto,
 Do Mineiro avaro,
 Que tem no seu thesoiro o seu tormento.

Albino impaciente
 Cos' olhos, e as esperanças no Oceano,
 Veja vir do Oriente
 A Náo com oiro, e com marfim Indiano;
 Veja o porto afferrado,
 Chame-se embora bemaventurado.

Na-

Nada disto appetço ;
Sabem os Deozes , e por elles juro ,
Que os votos que lhe offreço ,
Nascidos vem de coração mais puro ;
Que estes bens não invejo ,
Que levanto a mais alto o meu dezejo.

Se nos ferenos ares
Lhe vão suspiros meus , d'alma mandados ;
Se deixo scus altares
De minhas puras lagrimas banhados ;
Se os commovo á piedade ,
Meus votos são por ti , fãta Amizade.

Dem-me ficeis Amigos ,
Mostrem-se embora em tudo o mais , irozos ;
No meio dos castigos
Lhes chamarei benignos , e piedozos ;
Amigo verdadeiro ,
Tu vales mais que o Universo inteiro.

Ao

*Ao Illustrissimo , e Excellentissimo Senbor
Visconde de Villa Nova da Cerveira , depois
Marquez de Ponte de Lima.*

O D E.

Doze vezes voltando o ardente Estio
Cos' férvidos Agostos,
Quando o quente fuor alaga em fio
Os encalmados rostos,
Me achou sentado em Trípede de pinho,
Gritando a hum Povo barbaro , e damninho.

Doze chuzozos , rígidos Janeiros,
Os tectos destroncando,
Me destruirão pennas, e tinteiros,
Sobre elles gotejando;
E o rouco Sul, que em torno affoviava,
Das frias mãos os themas me levava.

For-

Fortuna inexoravel, que envenenas
Doiradas esperanças ;
Que com sceptro de ferro me condemnas
A estupidas Creanças,
E que entre carunxozos, coxos bancos,
Me vás fazendo estes cabellos brancos :

Tu carregando a feia catadura,
Que amedrenta os humanos,
Queres que eu chegue á triste sepultura
Cos' dois Quinctilianos ?
E que em eterna, posthuma memoria,
Me gravem no sepulchro a Palmatoria ?

Que meus orfãos Discipulos chorando
A perda que fizerão,
Os Livros sobre o feretro rasgando,
Que nunca perceberão,
Digão : = Com pranto nosso Mestre honremos,
Quatro soluços a seus ossos demos ?

Que

Que de altos bancos , negra eça armando,
E de batinas velhas,
Vão do mudo Auditorio atormentando
As attentas orelhas.
Com Orações , á queima roupa , cheias
De apóstrofes , e vans prozopopéas ?

Que n'alta noite tempestoza , e escura ,
Em horrorozo sonho ,
Vejão erguer da fria sepultura.
Este espectro medonho
A castigar , como fazia em vivo ,
O crime de hum errado accuzativo ?

Sabio , e Illustre Visconde , que te alçaste
Affirma dos Destinos ,
Que em teu peito o saber enthefoiraste
De Gregos , e Latinos ;
Que em continua lição attento enchias
Teus socegados , bem vividos dias :

Tu ,

Tu, Illustre Senhor, em quem agora
 Os olhos fitos tenho,
 Estende a mão benigna, e bemfeitora
 A meu humilde engenho;
 Que se era só ás brandas Muzas dado,
 Mais longe irá, se for por ti levado.

Algum talento, que me deo natura,
 Seria a mais alçado,
 Se eu tivesse a grandissima ventura
 De ser por ti mandado;
 Se do alto engenho, de que não prezumes,
 As instrucções bebesse, e os vivos lumes.

Não me atrevo, Senhor, a pedir tanto,
 Meus fracos hombros vejo;
 A tão altas esp'ranças não levanto
 Temerario dezejo;
 Conheço ha muito o meu fatal Destino,
 Eu não nasci de tal fortuna dino.

Mas

Mas não encolhas, Inclyto Cerveira,
A mão de que eu me valho;
Converta-se o trabalho da Cadeira
N'outro qualquer trabalho;
Longe de Escolas, longe de Creanças,
Farto com pouco minhas esperanças.

Se em nome de teus Reis a mil tiraste
Das mãos da crua morte;
Se as chapeadas portas franqueaste
De foferrado Forte,
Acção maior, e inda mais pia fazes,
Tirando-me das garras dos Rapazes.

Consente-me depois que a Lyra tome,
Em que aureas cordas vejo;
E que invocando teu illustre Nome
Sobre as praias do Téjo,
O Lima cante em sonoro verso,
O Lima, que te deo o Nome, e o berço.

E

E em memoria do grande beneficio,
 Lá nas margens do Lima
Irei cravar a insignia deste Officio,
 Lançando arêa em sima ;
E em tronco annozo de copado freixo,
Cortada em verso, esta Escritura deixo =

Fugi, Rapazes, aqui corre risco
 Mocidade atrazada ;
Não he Leão, ou fero Basilisco ;
 Não he Serpe enroscada
O que encobre esta funebre memoria,
He peor que isso tudo, he Palmatoria.

*Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
Marquez de Angeja.*

O D E.

Neste despido tronco pendurada,
Acaba, ó triste Lyra,
Dos dezabridos Nortes açoitada;
Mão branda não te fira,
E fica volteando ao som do vento,
*Qual Sella do Cavallo lazarento.**

Sempre, Lyra infeliz, sempre tocaste
A fechados ouvidos;
Feminis corações nunca amolgaste
Com teus écos sentidos;
Em vão louvavas, junto a Apollo loiro,
Huns alvos dentes, huns cabellos de oiro.

Dei-

* Tem allusão ao Soneto n. 47.

Deixaste o louco amor, e temperada
 Novas cordas forcejas ;
 Em ti a clara fama foi cantada
 Dos Illustres Angejas ;
 Deste que em mar, e terra o mando estende,
 Que serve hum Throno, e que de dois descende.

De meus pezados dias lhe contaste
 A lagrimoza historia ;
 Na esquerda mão hum Livro me pintaste,
 Na outra a Palmatoria ;
 Com carregado, ríspido focinho,
 Dictando Leis em Tribunal de Pinho.

Condoer-se mostrou da vida escura,
 Que aos olhos lhe tens posto ;
 Pareceo-me que vi nova ventura
 Mostrar-me o ledro rosto ;
 Cuidei, que nunca mais, quando tocasse,
 Com teus sons, o meu pranto misturasse.

Dos justos Reis os olhos penetrantes
 Sua alma conhecêrão ;
 Mil pezados Negocios importantes
 Nos hombros lhe puzerão ;
 E a grandes coizas por seus Reis chamado,
 Tirou de ti os olhos, e o cuidado.

Debalde aprende torto corcovado
 D'airoza dança os passos ;
 Em vão dêstro *Dupré*, impertigado,
 Lhe puxa os curtos braços ;
 Em vão lhe ensina as leis da ligeirza ;
 Não mudão fabias mãos a natureza.

Lyra infeliz, debalde se atropella
 A força dos Destinos ;
 A minha infaulta, sanguinoza estrella
 Influo nos teus hymnos ;
 Que effeito ha de fazer teu som sereno,
 Se da mão que o tirou leva o veneno ?

De

De baixos versos segue o vil fadario,
 Diverte a rude gente;
 Pinta longo, tonto Boticario,
 De dois dados pendente,
 Que alçando a fraca mão, bate nas pernas,
 Porque inda a tempo vio deitar *quadernas*.*

Tu não tens doces vozes moduladas,
 Que os mansos ares talhão;
 As nove Irmans, por ti tanto invocadas,
 De tuas Odes ralhão;
 Debalde lhe pediste o santo fogo,
 São máos teus versos, porque esquecem logo.

Neste dezerto funebre te arrojô,
 E de ti me envergonho;
 Fica, dos ventos mízero despojo,
 Neste sitio medonho,
 De lúgubres cyprestes affombrado,
 A' solidão, e á noite confagrado.

Fa-

* Tem aluzão ao Soneto n. 36.

Fará éco dos montes na quebrada
O som, que ao vento espalhas;
Do curvo bico te verás picada
Das agoireiras gralhas;
E cuberta de secco, unutil funxo,
Manjar serás do roedor carunxo.

Se alguma vez ao pé deste dezerto,
Onde o campo verdeja,
Viesses respirar hum ar aberto
O Claro, o Ilustre Angeja,
E ao socego dos campos consagraffe
Hum-hora, em que aos Empregos se furtasse:

Se viesse este dia que appeteces,
Então não te acovardes,
Imita, para ver se o interneces,
A Lyra de Bernardes;
E em quanto for passando, ó triste Lyra,
Em lugar de tanger, geme, e suspira.

ME-

M E M O R I A L

A Sua Alteza.

Senhor, senão he injusto,
 Que hum triste afinando a Lyra,
 Entre esperanças, e susto
 As cansadas cordas fira
 Ante Vós, Principe Augusto:

Nos sons que ella der ao ar
 Irão meus ais de mistura;
 E dignai-vos de escutar
 Desconcertos da ventura,
 Que Vós podeis emendar.

Em náda á verdade falto,
 A dor me aviva a memória;
 E por não entrar de salto,
 Deixai, Senhor, que esta historia
 Tome o fio de mais alto.

En-

Entre faixas de pobreza
 Meus tristes Pais me envolverão;
 Desde então, em crua empreza,
 Contra mim as mãos se derão
 A Fortuna, e a Natureza.

Da terna Mãi abraçado,
 Fui em silencio profundo
 Com triste pranto banhado;
 Já antevia, que o Mundo
 Tinha mais hum desgraçado.

Meu bom Pai de balde quiz
 Enxugar-lhe o pranto ardente,
 Que ella, alçando-me, me diz:
 = Vem, ó Victimá innocente,
 De hum amor casto, e infeliz:

Toma os tristes cabedades,
 Em que teu fado te lança;
 Toma pranto, e inuteis ais,
 Entra na funesta herança
 De teus desgraçados Pais.

Mas,

Mas, Senhor, he poucõ avizo
 Reaes ouvidos magoar,
 Mudar de estilo he precizo;
 E se a dor me der lugar,
 Unirei pranto com rizo.

Depois que plano caminho
 Já meu pé trilhando vai,
 Pobre Alfaiate vizinho
 De hum capote de meu Pai
 Me engenhou hum capotinho:

Talhando a obra, maldiz
 A empreza, que lhe incumbirão,
 Fez nigromancias com giz,
 Sete vezes lhe cahirão
 Os oculos do nariz:

Sua obra se confagre
 No portal das Barraquinhas
 Com grossas letras de almagre;
 Tapou geiras, passou linhas,
 Fez hum capote, e hum milagre:

Col-

Colxete no cabeçaõ ,
Sahi novo Adonis bello ,
Figa no coz do calção ,
Carrapito no cabello ,
E hum biscoitinho na mão :

Sobre fizudo Gallego ,
Que vaza barril fiado ,
Já aos trabalhos me entrego ;
E em triste pranto lavado ,
A' porta de hum Mestre chego :

Debalde o bom mariola
Doirava razões pequenas ;
Minha dor não se consola ,
Preságio talvez das penas
De outro tempo , e de outra Escola.

Entre medos, e violencia
Entrar no Latim já posso ,
E jurei obediencia
A hum Clerigo , que era hum poço
De tabaco , e de sciencia :

D'en-

D'entre o fordido roupão,
 Com a pitada nos dedos,
 E o Madureira na mão,
 Revelava altos segredos
 Do Adverbio, e Conjunção.

Era em Grammatica abyfmo,
 Honrava o Seculo nosso;
 Porém de tal rigorifmo,
 Que poz na rua o feu Moço,
 Por lhe ouvir hum folecifmo.

Entre o Jota, e o I Romano,
 Que differença fe achaffe,
 Trabalhava havia hum anno;
 Obra, que fe elle a acabaffe,
 Feliz do Genero humano!

Em quanto a minha alma emprégo
 Nestas cansadas doutrinas,
 A' doirada idade chego
 De ir ver as vastas campinas,
 Que banha o claro Mondego.

Co'

Co' as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos, e medos,
Mãi, e Irmans á adufa postas;
Chovião Cruzes, e Cremos
Sobre as minhas bentas costas.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapeo, sem estribeiras;
Já a catana emprestada
Cortava o vento, e as pitciras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Espirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quazi com Carta de Guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

Po-

Povo revoltoso, e ingrato
 Dentro em seus muros encerra,
 Em vão de adoçallo trato;
 He hum titulo de guerra
 A chegada de hum Novato.

Pão amassado com fel,
 E envolto em pranto, comia;
 Levei vida tão cruel,
 Que peor não a teria,
 Se fosse estudar a Argel.

Soffri contínua tortura,
 Soffri injúrias, e affintes,
 Lancei tudo em escriptura;
 E nos Novatos seguintes
 Fiquei pago, e com uzura.

Da bolsa os bofes lhe arranco
 No fresco pateo de Cellas,
 Pedindo com genio franco
 Doces, gratuitas tigellas
 Do famozo manjar branco.

Se-

Sete annos de verde idade
 Fui mettendo a d'estra mão
 Em muitas desta entidade;
 Chamou-se boa feição,
 Mas era necessidade.

Achava-me sempre o dia
 No tecto os olhos pregados;
 A sagaz Economia,
 Revoando nos telhados,
 Ao conselho prezidia.

Gemer em segredo pude;
 Que o bom Pai, fulto de meios,
 Quanto cheio de virtude,
 Só mandava nos Correios
 Novas da sua faude.

Quiz de taes ondas sahir,
 E algum bom porto afferrar;
 Quiz ao Público servir,
 E mandárão-me ensinar
 As regras de persuadir.

Trif-

Triste, enganoza Sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falsos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalsos
A perseguida innocencia:

Que chega do peito ao fim,
Que arranca forçado pranto;
Mas, Senhor, não he assim;
Esta Arte, que louvão tanto,
Só me faz chorar a mim:

Pende da hora oppórtuna;
Sem ella verá raigadas
As soltas vélas que enfuna;
Arrasta véstes doiradas,
E he escrava da Fortuna:

Não a vejo em mim frustrada,
Só porque pouca me coube,
De si mesma he mal sadada;
A lingua que mais a scube,
Foi em Roma retalhada.

De-

Dezefeis annos gastados
 Já no ingrato officio vão;
 Tristes versos, mal limados
 Puz na vossa Augusta Mão,
 Em dor, e em pranto forjados:

Nelles, Senhor, vos contei
 As minhas longas fadigas;
 Hoje o mesmo não direi,
 Nem co' as lagrimas antigas
 Os vossos pés banharei.

Para nova, e justa dor
 Peço hoje a vossa piedade;
 Prestai-lhe ouvidos, Senhor,
 Funda-se na humanidade,
 Merece o vosso favor.

Rotos os laços do Mundo,
 Entre palavras truncadas,
 Que bem mostram d'alma o fundo,
 Orfans em pranto banhadas
 Me entrega o Pai moribundo.

Fi-

Filhas, já o espirito cai ;
 Já o sangue gela, e cansa,
 Meus frios olhos cerrai,
 Ahi tendes a -vossa herança,
 Ahi tendes o Irmão, e o Pai :

Eu, entretanto, suspiro ;
 Sobre o pranteado leito
 D'entre os braços o não tiro ;
 Quebrou junto do meu peito
 O seu ultimo suspiro.

Senhor, de meios sou falto ;
 Mas do Pai, que aos Céos subia,
 Em nada aos preceitos falto ;
 Debaixo da campa fria
 As cinzas me fállão alto :

Vai com mão igual cortado,
 Entre os Irmãos infelizes,
 Pão com lagrimas ganhado,
 Que sem os fazer felizes,
 Me deixa a mim desgraçado :

Se nos Offícios se approva
 Haver augmento, e progresso,
 Não haja tarifa nova;
 Não seja o meu duro accesso
 Da Cadeira para a cova:

Antes que me adorne a fronte
 Barrete felpudo, e denso;
 E ao Sol no alpendre do Monte,
 Esfregando o crespo lenço,
 Cazos do meu tempo conte:

Antes que as forças se vão,
 E que eu viva agazalhado,
 Boldrié sobre o roupão,
 N'uma Botica sentado,
 Vendo jogar o Gamão:

Antes que entre vís sequazes,
 Sendo vítima irrizoria
 De mil galopins vorazes,
 Em lugar da Palmatoria,
 Dê co' bordão nos Rapazes:

Ten-

Tende dó do meu lamento,
Pois que benigno o escutais;
A piedade, e o acolhimento
São dos Corações Reaes
O mais honroso ornamento:

Pobres, chorozos Irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Não êrgão dezejos vãos,
Veirão na minha fortuna
A obra das vossas mãos:

Proteger a cauza honesta,
Ter dos tristes dó profundo,
Trocar-lhe a forte funesta;
Senhor, a gloria do Mundo,
Ou a não ha, ou he esta.

Mas já longa narração
Vai levando longe a méta;
Já parece, e com razão,
Mais que papel de Poeta,
Ou Testamento, ou Sermão.

Minha dor me fez fallar ;
Fiz queixas afsás compridas ;
Dignai-vos de desculpar ,
Que mostre o enfermo as feridas
A quem lhas póde farar.



M E M O R I A L .

*Offerecido ao Illustrissimo, e Excellentissimo
Senhor Visconde de Villa Nova da Cer-
veira, depois Marquez de Ponte de Lima.*

SEnão desprezais, Senhor,
As valias que hoje levo,
Que são lagrimas, e dor,
A supplicar-vos me atrevo
Queirais ser meu Protector.

Minhas súpplicas não tem
Das Leis o direito austero;
Apprezentar-se hoje vem,
Não ao Ministro severo,
Sómente ao homem de bem:

Vão sobre o dó, e a verdade
Meus singelos rogos feitos;
He meu Juiz a Piedade,
Vem fundados meus direitos
Sobre as leis da humanidade.

Sá de Miranda, em quem vi
Que de Jove as loiras Filhas
Abrigára junto a si,
E em quem das doces Quintilhas
Sómente a rima aprendi :

Quiz que hum dia o seu bom Rei
Perca com elle meia hora ;
Menos tempo pedirci ;
E alguns Instantes agora
Comigo, Senhor, perdi.

De mil trabalhos cortado,
E de longos annos cheio,
Pai tão velho, como honrado,
Pôr sobre os meus hombros veio
Da pobre caza o cuidado.

Accita, ó Filho, me diz,
Este pezo triste, e honrozo ;
Já ao Ceo mil votos fiz,
Que possas ser tão ditozo,
Quanto tu fui sempre infeliz :

Paſ-

Passei meus cansados dias
Sobre os mais filhos chorando;
Entre tanto tu crescias;
Já de longe esp'ranças dando,
Que de Pai lhes servirias :

Na longa desgraça minha
Ternamente os abraçava;
Em doce paz os mantinha;
E muitas vezes lhes dava
Consolações, que eu não tinha :

Filhos nascidos em dor,
Nascidos para infelizes,
Sou vosso Pai só no amor;
Eu quiz deixar-vos felizes,
Ninguem acertou peor :

Mas desta dor importuna
Sómente os Fados culpai;
Quiz ser a vossa columna;
Intentallo he do bom Pai,
Sello, ou não, he da fortuna :

Trif-

Triste velhice, e pobreza
 Tirão-me a obra da mão;
 Toma tu, ó Filho, a empreza,
 Toma a honroza obrigação,
 Que eu te ponho, e a Natureza:

Queira ó Ceo que certas faças
 As antigas esperanças
 Do triste velho que abraças;
 Que não deixa mais heranças,
 Que honra inutil, e desgraças.

A triste falla acabou,
 Que nós em silencio ouvimos;
 A todos nos abraçou,
 Doces lagrimas lhe vimos,
 Com que a natureza honrou.

Senhor, fe a fiel pintura,
 Com que a minha fraca mão
 Esta scena vos figura,
 Move em vosso coração
 Sentimentos de ternura;

Animai o jústo ardor,
Em que se accende o meu peito;
Fazei que eu possa, Senhor,
Ser do paternal preccito
Hum fiel executor.

Se eu dar cumprimento quiz
A quanto o bom Pai dispunha;
Se em fim, quanto pude, fiz,
Sede vós a testemunha,
Como fostes o Juiz.

Moças Irmãs desvalidas,
A quem dou pobre sustento,
Forão por vós deferidas;
Vivem em fanto Convento
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado
Lhe vai da singela meza
Com sãos' dezejos mandado.

Quem

Quem tem riqueza infinita,
E farta aos seus os desejos,
Só de máo o nome evita;
Ninguém deve ter sobejos,
Em quanto ha quem necessita;

Mas eu pobre, e desgraçado,
Sou dos Irmãos a columna;
Sou infeliz, mas honrado;
Dom affirma da fortuna,
Por isso o não tem levado.

Austera Filosofia
Dentro de meu peito mora;
Sendo eu só, a seguiria;
Mas triste familia chora
Pelo pão de cada dia.

De inuteis lagrimas cruas
Ver os Sobrinhos banhar
As mimosas carnes nuas,
E ir sómente misturar
Minhas lagrimas co' as suas:

Era

Era dar rédea á impiedade,
Com que a desgraça os opprime;
Pelas leis da humanidade
Não está longe de crime
Huma ocioza piedade;

Dai-me vós, Senhor, a mão,
E nesta obra ajuntemos,
Vós poder, eu coração;
Huma familia tiremos
De miseria, e de afflicção.

Nosso Bemfeitor sereis;
E matando crua fome,
De bom Pai nos servireis;
De Pai o sagrado nome
Na boca nos ouvireis;

Não uzar palavras добres,
Não ajudar com mão parca
Os desvalidos, e os pobres,
He, Senhor, a honroza marca
D'almas, como a vossa, nobres.

Mas

Mas onde as vélas infuno?
Talvez já tenho abuzado
Do escasso tempo opportuno;
Fez-me a forte desgraçado;
Mas não me faça importuno.

São mágoas, vim repetillas,
Possa a piedade escutallas;
Gastareis, depois de ouvillas,
Menos tempo em consolallas,
Do que eu puz em referillas.



M E M O R I A L

Offerecido ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde.

ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR

AS proveitozas lições dos nossos dois Portuguezes Bernardim Ribeiro, e Francisco de Sá de Miranda, com que V. EXCELLENCIA fazia uteis ao seu espirito aquellas horas, que a natureza, e muito mais a molestia, lhe tinham destinado ao descanso do corpo, creárão insensivelmente no meu coração amor a esta especie de Poezia, na qual os seus Authores souberão tratar a alteza de pensamentos, e de solida Filosofia, de que vão cheios os seus Livros, em hum estilo facil, e desaffectedado, e em huma linguagem verdadeiramente Portugueza, que parece fugio de nós com os bons Authores, que então a fallarão.

V. EXCELLENCIA me fazia a honra de mandar, que eu lhe lêsse estes dois pre-

preciosos Livros ; e a Muza , que prezide ás minhas trovas , affeita áquella lição , rimou em Quintilhas , e carregou de moralidades , talvez intempestivas , o Memorial , que ponho nas mãos de V. EXCELLENCIA com muito respeito , e com muitas esperanças.

Os meus Versos , que nunca foram bons , soarão agora muito peor nos ouvidos de V. EXCELLENCIA , bem costumados áquellas doces Poezias , as inellores que no seu genero ennobrecerão o nosso bom Seculo de Quinhentos ; mas como neste papel faço a figura de Poeta , e de Pertendente , contento-me de que V. EXCELLENCIA , já que não póde achar doçura nos meus Versos , ache justiça no meu Requerimento ; e espero do seu benigno coração , que o homem infeliz ache hoje aos pés de V. EXCELLENCIA aquelle acolhimento , que não deve esperar o máo Poeta. Isto dezeja , Senhor , e isto espera

De V. EXCELLENCIA

○ Criado mais humilde , e mais Venerador.
Lu-

Luctando em crua peleja
Com meu fado esquivo, e duro,
Que derribar-me dezeja,
Busco hum azilo seguro
Na Illustre Caza de Angeja :

A tão bom porto acolhido
Me vedes, Senhor, diante,
Qual co' molhado vestido
Surge triste naufragante,
Quazi das ondas comido :

A vossos pés ajoelho,
Moço Illustre, amparo nosso,
Que dentro em Real Conselho,
Mostrais com annos de moço,
Maduro saber de velho :

Ministro prudente, e inteiro,
Que no Tribunal entrando,
Por dar o passo primeiro,
Vos ides já costumando
A ser de Reis Conselheiro :

Am-

Amparar os desditozos ,
Dar aos cahidos a mão ,
Pôr nelles olhos piedozos ,
He antiga obrigação
Dos Grandes , e Poderozos :

Em douto Livro aprendi ,
Que o Grande ao Pequeno erguia ;
Não nasce homem para si ;
Tão santa Filozofia
No Sá de Miranda a li :

Pois que corre em vosso peito
Sangue , que de Reis correo ,
Para fazer bem sois feito ;
Vossa grandeza me deo
Sobre vós este direito :

Fazer com que hum triste possa
Por vós mais feliz viver ;
Ter dó da desgraça nossa ,
He o sublime prazer
D'almas grandes , como a vossa :

Em

Em vós mesmo aprender vim
 Principios desta doutrina;
 Para a levardes ao fim,
 Achareis materia dina,
 Illustre Senhor, em mim:

Não achais hum malfeitor,
 Que fuja ao justo castigo;
 Não infame matador,
 Que em peito do bom amigo
 Cravasse punhal traidor:

Achais sim hum desgraçado,
 Que seus males vos descobre;
 E em quem ajuntou seu fado
 Aos incommodos de pobre
 As obrigações de honrado:

Irmans com tenras crianças,
 Chorando pranto innocente,
 Que enxugão co' as soltas tranças,
 Põem em mim inutilmente
 Os olhos, e as esperanças:

Orfans de Mãi , e Donzellas ,
Chorão-me outras de redor ;
Em vão me condoo dellas ;
O seu triste bemfeitor
He outro infeliz como ellas :

Meus injustos , negros Fados ,
Dias funestos me urdião ,
Tão tristes , tão desgraçados ,
Que das Parcas , que os tecião ,
Oxalá fossem cortados !

Mas o destino avarento
Não poderá derribar-me ,
Nem cumprir seu duro intento ,
Se em vós não puder tirar-me
A piedade , e o acolhimento :

E senão for importuna
A petição que escutais ,
Servi-lhe vós de columna ;
O partido não sigais ,
Que tem seguido a Fortuna :

Pro-

Prometteo-me prompto abrigo,
Levantou-me o pensamento,
Forão promessas de imigo;
Erão fundadas no vento,
O vento as levou consigo:

Tenho a vosso Pai contado
Quanto vivo contrafeito;
Não tenho sido escutado;
Mas ser-lhe-ha meu rogo accito,
Se lhe for por vós levado:

Dizei-lhe, Senhor, quaes são
Minhas forças, se as achais;
Mas comece a informação
Por lhe dizer, que me honrais
Com a vossa protecção:

Eu nada certo lhe peço,
São vagas minhas esperanças;
Quanto elle póde, conheço,
E livre-me de crianças,
Se compaixão lhe mereço:

Se ante os Reis, feu voto dando,
 São suas razões acceitas,
 Meu nome lhe ide lembrando,
 Ou para coizas já feitas,
 Ou para as que for creando :

Pedi-lhe pois que tolere
 Meu rogo triste, e teimozo;
 Que estou n'hum lugar, pondere,
 Mesquinho, ainda que honrozo,
 E onde nada ha que espere :

Embebido em esperanças,
 Fraco Piloto põe peito
 A's ondas bravas, ou mansas;
 E em campo sem parapeito
 Espera o Soldado as lanças :

Não dezejar, he baixeza;
 Sempre o humano coração
 Quer subir a mór alteza;
 Esta universal paixão
 He filha da natureza :

Se eu visse no fiel espelho
Já meu cabello nevado ;
Se fosse Clerigo velho,
Que enxuga, á porta sentado ;
O lenço sobre o joelho :

Teimozo Grammaticão,
Que em longo xambre embrulhado,
Co' a douta penna na mão,
Dá á luz grosso Tratado
Sobre as leis da *Conjunção* :

Que arranca o cabello hirsuto,
Lastimando a decadencia
Do novo mundo corrupto,
Que quer negar a existencia
Ao Ablativo Absoluto :

Se eu carregasse a memoria
Destas, e outras ninherias,
De que estes taes fazem gloria ;
Vivêra em paz os meus dias
Prezo a huma Palmatoria :

Ou-

Outros meus espiritos são ;
 E se de forças sou falto ,
 Não o sou de coração ;
 Erguerci vdo mais alto
 Se vós me derdes a mão :

Senhor , eu tenho acabado ;
 Já da mão a penna cahe ;
 Feliz se o meu Verso ouzado
 For de vosso Illustre Pai
 Benignamente escutado :

Vós ambos não me estranheis
 De meu Verso a rima fria ;
 Por baixa não a engeiteis ,
 Que nesta mesma Poczia
 Se tem escrevido a Reis :

Não tenho sido o primeiro ,
 Que a Grandes taes Versos manda ;
 Nelles com juizo inteiro
 Escreveo Sá de Miranda
 Ao bom Rei Dom João Terceiro :

Não

Não o imito na belleza ;
De que elle os soube adornar ;
Falta-me arte , e natureza ;
Mas pude delle imitar
A verdade , e a singeleza.



O BILHAR.

S. A. T. Y. R. A.

POr fugir da cruel melancolia,
 Que a estragada cabeça me atropella,
 Largando o pobre leito, em que jazia,
 Fui sentar-me n'hum canto da janella;
 Dalli pela miuda gelozia,
 Espreitando, qual tímida Donzella,
 De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

Mora defronte roto Guriteiro,
 Com jogo de Billiar, e Carambola;
 Onde ao Domingo o lépido Caixeiro
 Co' a loja do Patrão vai dando á sola;
 Gira no lizo, verde tableiro,
 De Indiano marfim lascada bola,
 Erguendo aos arcs perigozos saltos,
 Chamão-lhe os Mestres d'arte *Truques Altos.*
 Al-

Alli se ajunta bando de Casquilhos,
 A que o vulgo mordaz chama rafados;
 Alto topéte, prenhe de polvilhos,
 Que descalço Gallego deo fiados;
 De quebrados Tafues, vadíos filhos,
 Pelas vastas tablilhas encoitados,
 Altercão mil questões; promptos contendem,
 Promptos decidem no que nada entendem.

Hum quer ver, enfronhado em picaria,
 Silvada testa no Andaluz Ginete;
 Outro prova no chão a ponta fria
 De luzidío, virginal florete;
 Mais amante da paz, outro elogia
 Do bom *Dupré* o airozo minuete;
 E posto em pé, para imitar-lhe os passos,
 Altêa o peito, e vai torcendo os braços.

Aventuras de amor outro contando,
 Mostra os Escritos de Nerina bella,
 Onde a mão adoravel foi lançando
 Com penna de perum letra amarella;
 Vai com trabalho o triste soletrando
 As tortas regras, que boçal Donzella,
 De emprestadas finezas carregára,
 Que piedoza vizinha lhe dictára.

En-

Então, diz, que finíssima madeixa
 Lhe ondêa sobre o hombro torneado ;
 Alli suspira o triste, alli se queixa
 De ir já sendo por ella desprezado ;
 Conta, chorando, que esta ingrata o deixa
 Por esbelto Cadete, que rafado,
 Por mais que ao Uzurario os Soldos peça,
 A bolsa sempre tem como a cabeça.

Alçando mais os olhos, vi defronte
 Malhando a fio rígido Banqueiro ;
 Que tendo já de marcas alto monte,
 Hia despindo o mízero Parceiro ;
 Em quanto hum diz q̄ lavre, outro q̄ conte,
 Sem valerem os oculos do Olheiro,
 N'huma paz já vencida, hum ponto affeito,
 Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito Banqueiro affronta os medos,
 Tendo nas mãos em que se vá vingando ;
 Com cuspo milagroso ungingo os dedos,
 Vai destramente as cartas recuando ;
 De sciencia infernal, subtis segredos,
 Com mão ligeira prompto executando,
 Marcando cartas, inventando nicas,
 Fazia, em vez de banca, pçloticas.

Mas

Mas não se livra de subtil calote,
 Que hum Velho mansamente lhe tecia;
 Julgando-o todos mízero pixote,
 Parolins de campanha impune erguia;
 Embuçado em diáfano capote,
 Por hum buraco os ganhos recebia;
 Fora no *Cabra* das melhores pernas,
 Hoje joga os *Tres Setes* nas tavernas.

Os róxos olhos para o ar alçados,
 Encostado na quina de hum bofête,
 Pensativo Taful mordia huns dados,
 Que seis vezes tirárão quatro a sete;
 Com suspeitas de que erão carregados,
 Em duro almofariz o triste os mette;
 E a golpes de martello aberto o centro,
 Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pállida vizeira,
 Sujo Poeta está vociferando;
 Da nojoza, empeçada cabelleira,
 Várias pontas de palha vem brotando;
 Os papeis, que lhe pêjão a algibeira,
 Vão pelo forro larga porta achando;
 Faz da véstia camiza; e he collarinho
 Torcido solitario pescocinho.

Fo-

Fora cem vezes em nocturno Oiteiro
 Da sábia Padaria apadrinhado ;
 E diz-se que glozava por dinheiro ;
 Mas creio que atéqui não tem cobrado :
 Seguindo em moço o officio de Barbeiro ,
 E das filhas de Jove namorado ,
 Abrio ao Mundo asperrina batalha ,
 Tanto co' a penna , como co' a navalha .

Fallou , por affectar Muza campestre ,
 Em furrão , e cajado muitas vezes ;
 Era hum flagello este tyranno Mestre
 Dos ouvidos , e faces dos freguezes ;
 Todos os Versos lêo da Estatua Equestre ,
 E todos os famosos Entremezes ,
 Que no Arsenal ao vago caminhante
 Se vendem a cavallo n'hum barbante .

De cansada , rançoza poezia
 Grosso volume na algibeira andava ;
 Em vendo gente , logo lá corria ,
 E o fatal cartapacio lhe empurrava ;
 Acrósticos Sonetos repetia ,
 Que só elle entendia , e só louvava ;
 Punha em proza tambem muita parola ,
 E acabava por fim pedindo esmola .

E-

Este ouvindo da turba as prozas frias,
 E accezo do Parnazo em santo zelo,
 Alçando a voz, cantou doces poezias,
 Que invejou de Latona o filho bello;
 Jurando que as fizera em poucos dias,
 Prometteo que as havia dar ao prélo;
 Mas da roda hum dos menos depravados,
 Em desconto as ouviu dos seus peccados.

Debalde, diz, o povo vil, perverso
 Sobre mim descarrega tiros rudos;
 Que eu não só sou Poeta desde o berço,
 Mas tambem tenho solidos estudos;
 Sei que syllabas leva cada verso,
 E não misturo graves com agudos;
 Rompi Oiteiros em Sant'Anna, e Chelas,
 Chamei Sol á Prelada, ás mais, Estrellas.

Co' as sonoras palavras *Pindo*, e *Pletro*,
 Ponho em meus Versos locução divina;
 E sei, para cumprir as leis do metro,
 Quanto a historia das fabulas me ensina;
 Sei que dos Ccos tem Jupiter o sceptro,
 Que nos Infernos reina Prozerpina;
 A' madrugada sempre chamo Aurora,
 Sempre chamo a hum jasmim Mimo de Flora.

Sci

Sei de certo em que tempo vio o Mundo
 Filhos da Terra os quatro irmãos Gigantes ;
 Sei finalmente conhecer a fundo
 O que são consoantes , ou toantes ;
 Sei tudo , e unicamente me confundo
 C'uns taes Versinhos , que eu não via d'antes ;
 Aos novos Urfos todo o povo acode ,
 O estilo he sybillino , o nome he Ode.

Fazellas eu ; não posso , nem dezejo ,
 Porém sei conhecellas facilmente :
Co' as verdes mãos o serpeado Téjo
Alça o trilingue , mádido Tridente ;
Mas que Gorgona filtra ? eu vejo , eu vejo :
 Em dizendo isto , he Ode certamente ;
 He filha d'arte a escuridade dellas ,
 He hum preceito das *desordens bellas*.

As taes poezias , que a entender não chego ,
 Podres palavras tem desenterrado ;
 Se levão nó , he tão occulto , e cêgo ,
 Que quem quer dezatallo , vai logrado ;
 Dizem que imitão nisto hum certo Grego ,
 Gloria de Thebas , Pindaro chamado ;
 Se isto he affim , a sua lingua de oiro
 Seria Grega , mas fallava Moiro.

Qua:

Quatro rapazes estendendo o panno,
 Deixão as gentes ao redor absortas;
 Fallando em Venuzino, e Mantuano,
 As Muzas Portuguezas põe por portas;
 Aprendendo Francez, e Italiano,
 E humas taes Linguas, a que chamão mortas,
 Trazem com ellas perigozas modas;
 Mas ainda bem que eu as ignoro todas.

Diz hum Sabio que o Seculo presente
 Hia emendando os erros do passado;
 Mas que das Odes a infeliz torrente
 Tinha a lingua outra vez estropeado;
 Que amontoão com mão impertinente,
 Quantas palavras velhas tem achado;
 Que se envergonhão das que uzamos todos,
 E vão buscallas muito além dos Godos.

Como a caruncho, e podridão condemna
 A lição affectada dos Antigos,
 Não leio Barros, Souza, nem Lucena,
 Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos;
 Ou sempre escreveo mal a sua penna,
 Ou nunca os lêrão bem os taes amigos;
 E por cautela, arreda, bolorentos
 Ginjas fataes, do tempo de Quinhentos.

Não

Não podem crer os Genios Luzitanos,
 Que as modas, como as vidas, são pequenas;
 Que já murchou esse Estro dos Romanos,
 E influem sobre nós outras Camenas;
 Que o Tempo tragador, volvendo os annos,
 Fez cahir Roma, fez cahir Athenas;
 Que jaz no pó a Iliada envolvida,
 E que alça a frente a *Fenis Renascida*.

Mais bia por diante o monstro borrendo
 Co' Sermão, que ninguem lhe encommendára;
 Mas inimiga mão lhe foi batendo
 C'hum baralho de cartas pela cara;
 Era hum ponto infeliz, que estando ardendo,
 No innocente Poeta se vingára;
 Que não sentio o vêr-se maltratado,
 Mas ter a porcos pérolas lançado.

Eis que o dono da caza espavorido,
 Em castigo da fordida cubiça,
 Vem com as mãos na cabeça = estou perdido,
 Tenho as cazas cercadas de Justiça:
 Era Domingo, e hum ponto arrependido,
 Sentio então o não ter ido á Missa;
 Não valem rogos seus, nem do Banqueiro,
 He mais brando hum Leão, q' hum Quadrilheiro.
 Mas

Mas já faminto Alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella =
 Bota cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
 E sentido não faltem da janella =
 Forçozo Quadrilheiro, alto, e membrudo,
 Aos desgraçados põe de sentinella;
 São algemas, lanção-se cordões,
 Cortão-se atrás os cozes dos calções;

Então o triste povo sitiado
 Faz das bolsas bandeiras de amizade;
 Capitula em dinheiro de contado,
 Negocea-se a paz com brevidade;
 Sentio-se o bom Esbirro lastimado,
 E aos infelizes deo a liberdade;
 Pagou-lhe o Ceo tão fante beneficio,
 Jaz no Enxovia, e tem perdido o Officio.

Eis-aqui, meu Alcino, tenho exposto
 A medicina, que me tem sarado;
 E como trazes o quebrado rosto
 De lagrimas de dor sempre inundado,
 Vem vizitar-me hum dia, que eu aposto,
 Que para caza voltarás curado,
 Nos costumes tambem; que aqui enfreias
 As baldas proprias, rindo das alheias.

A GUERRA.

SÁTIRA.

Offerecida ao Illustriſſimo, e Excellentifſimo Senhor Viſconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima, no Anno de 1778.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR

A Sátira da Guerra, que ponho nas respeitaveis mãos de V. EXCELLENCIA, tem por objecto os costumes, sem que a sua crítica aponete, nem remotamente, individuo algum em particular; este he o seu unico merecimento, o qual me esforça a levantalla á grande honra de ser offerecida a V. EXCELLENCIA.

Não me acovarda o nome de Sátira, só odioso ao Vulgo ignorante. V. EXCELLENCIA sabe, que quando ella fete

Nos

nos costumes, sem assignar os homens, he a especie de Poezia, em que mais vezes se dão as mãos os seus dois fins, a utilidade, e o recreio.

A estimação de Horacio, e o desferro de Juvenal, de mistura com o meu genio, me ensinarão a fallar com moderação; e ainda que talvez seja esta a unica instrucção, que eu tire das suas Obras, com ella me atrevo a esperar bom acolhimento a huia Sátira, que se em V. EXCELLENCIA não agradar ao homem de bom saber, ao menos não escandalizará o homem de bons costumes.

V. EXCELLENCIA, que sabe colher dos Livros mais fruto, que o do prazer, não se envergonhou de ler os Filozofos, que escrevêrão em verso: a alta Filozofia de costumes, de que vão cheios os Livros da Antiguidade, nada perde nos olhos de V. EXCELLENCIA, quando vai ornada com as bellezas da Poezia.

As diversas especies desta Arte são inteiramente conhecidas por V. EXCELLENCIA: eu tive algumas vezes a honra de ouvir fallar a V. EXCELLENCIA nas

Poetias dos Gregos , dos Romanos , e dos Francezes , fazendo entre ellas tão justos parallelos , e fallando tanto de dentro , que me pareceria impossivel que V. EXCELLENCIA achasse tempo para os outros Estudos mais importantes , com que esclareceo o seu espirito , se eu não tivesse lido , que Cicero no meio do tumulto , e das tempestades de Roma , encarregado dos mais importantes negocios da Republica , achava tempo para ler , e disputar sobre os Poetas , e Filozofos da Grecia , e da sua Patria.

Não me valho da experiencia , que tenho do quanto V. EXCELLENCIA he dado ao estudo das boas Artes , para lhe tecer com isto hum elogio ; tenho a honra de conhecer a V. EXCELLENCIA , e fei que os seus louvores ferião o unico modo de se lhe fazer odioza a verdade.

Valho-me desta experiencia , Senhor , para desculpa de ir cansar a V. EXCELLENCIA com a leitura dos meus Versos. O nome de Poeta he desprezado da maior parte dos homens ; fazem consistir a Poezia em número de syllabas , e na união dos

con-

consoantes, e provão com isto a futilidade da Arte: he quasi hum vicio o ser Poeta; confundem-no com o homem sem caracter, e imputão á Poczia os erros da humanidade; e por isso achei natural, que huma Arte desprezada pela ignorancia, fosse vingar os seus direitos aos pés de V. EXCELLENCIA.

Os meus Versos terão o successo de desagradares a V. EXCELLENCIA, por serem máos; mas por serem Versos, he impossivel que seião leitura odioza a quem decorou, e analyza os Poetas de Augusto, e de Luiz XIV.

Para Protector dos Versos, que offereço, não procurei só em V. EXCELLENCIA o Homem de Letras, procurei tambem o Ministro de Estado. Vejo a Europa em armas; oiço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha Patria; e parece-me que não desaprovára a Sátyra da Guerra aquelle Ministro habil, que debaixo das direcções dos seus Soberanos, intenta, e consegue, manter huma paz profunda no meio dos fogos das Nações armadas.

E

E eu abençoarei este trabalho de meu
curto engenho , se V. EXCELLENCIA
se dignar de pôr benignamente os olhos
sobre elle , e sobre o seu Author , o qual
he

De V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde.

F

A

A G U E R R A.

S A T Y R A.

MUza, pois cuidas que heis sal
 O fel de Authores perversos,
 E o Mundo levar a mal,
 Porque lêste quatro Versos
 De Horacio, e de Juvonal:

Agora os verás queimar,
 Já que em vão os fecho, e os fumo;
 E leve o volúvel ar,
 De envolta co' turvo fumo,
 O teu furor de rimar:

Se tu de ferir não cessas,
 Que serve ser bom o intento?
 Mais carapuças não teças;
 Que importa dallas ao vento,
 Se podem achar cabeças?

Ten

Tendo as Sátyras por boas,
Do Parnazo nos dois cumes,
Em hora negra revoas;
Tu dás golpes nos costumes,
E cuidão que he nas pessoas:

Deixá esquipar Inglaterra
Com Náos de alteroza popa;
Deixa regar fangue a terra;
Que te importa que na Europa
Haja paz, ou haja guerra?

Deixa que os bons, e a gentalha
Brigar ao *Cazaca* vão; *
E que em quanto a turba ralha,
Vá recebendo o balcão
Os despojos da batalha:

Que tens tu, que ornada historia
Diga que peitos ferinos,
Em sanguinoza victoria,
Inhumanos, affaffinos,
São do Mundo a honra, e a gloria?

As

Loja de Café.

As guerras precizas são ;
Nellas a paz se assegura ;
Não mettas em tudo a mão ;
Muza louca ; por ventura
Encommendão-te o Sermão ?

Deixa que o roto Taful ,
A quem na Patria foi mal ;
Vá cruzar de Norte a Sul ;
Cubrão-lhe o corpo venal ;
Tres palmos de panno azul :

Deixa que em tarimba estreita
O desperte a Aurora ingrata ;
Q' o duro Cabo , que o espreita ,
O faça , ao som da xibata ,
Virar á esquerda , e á direita :

Deixa-lhe em fangue envolver
Duro pão , que lhe dá Marte ;
E para poder viver ,
Deixa-lhe aprender esta arte
De matar , e de morrer :

Vá

Vá junto á queimada Zona
 Arvorar, em rotos muros,
 O Estendarte de Bellona;
 Calejem-lhe os hombros duros
 As correias da patrona:

Vôc-lhe aos arcs hum pé;
 Sobre o outro, com valor,
 A Plutão cem mortos dê;
 Arda de raiva, e furor,
 Sem nunca saber porque:

Sem cauza entre dentes trazes
 A grande arte das batalhas;
 Murruras dos seus sequazes;
 E quando da guerra ralhas,
 Outra com a lingua fazes:

Dizes que huma guerra acceza
 He theatro de impiedade;
 Chamas-lhe crua fereza,
 Flagello da humanidade,
 Triste horror da natureza:

Pin-

Pintas hum bravo Guerreiro,
E a meus olhos vens mostrallo,
Para ferir mais ligeiro,
Mettendo o ardente cavallo
Sobre o exangue companheiro:

A hum lado, e a outro lado
A morte mandando vai
Co' sanguinozo traçado,
Até que elle mesmo cai,
De hum pelouro atravessado:

Co' as cabeças abatidas
Vão de ferre vil marcados,
Maldizendo as tristes vidas,
Mil cativos manietados,
Vertendo sangue as feridas:

Entre horrorozos troços
O General deshumano
Manda falso incenso aos Ceos;
E de espalhar sangue humano
Vai dando louvor a Deos:

Di-

Dizes que se compra Quina,
Porque altas febres desterra;
E que em Collegios se ensina,
Em huma Aula, a Arte da guerra,
Em outra, a da Medicina:

Que no frio, vasto Norte,
Cem *Boerhaves* eloquentes
Enchem de oiro o cofre forte,
Porque perdidos doentes
Arrancão das mãos da morte:

Que alli mesmo grosso fruto
Colhe *Saxe* entre os Soldados,
Porque em minado reducto
Fez voar despedaçados
Dez mil homens n'hum minuto:

Tirando então consequencias,
Zombar dos homens procuras,
E das suas vans sciencias;
Sempre cheios de loucuras,
E cheios de incoherencias:

Se

Se a paz, em dias felizes,
A' cara Patria os conduz,
Dizes que estes infelizes
Mostrão, rindo, os peitos nus,
Cortados de cicatrizés :

Que este reconta aos parentes
Como em perigozo passo,
Zunindo balas ardentes,
Huma lhe quebrou hum braço,
Outra lhe levou os dentes :

Que outro, da perna cortada
Abençoa a horrivel chaga,
Porque ao peito pendurada
Trará algum dia, em paga,
Inutil fitta encarnada :

Dizes que entre os animais
Prohibe guerras o instincto;
E que surdo a tristes ais,
Vês com horror o homem tinto
No sangue dos seus iguais :

Mu-

Muza , não discorres bem ;
 Pois se huns com os outros cabem ,
 E juntos a hum pasto yem ,
 He só porque inda não sabem
 A virtude que o oiro tem :

Por preziosos metaes
 Não põe peito a bravos mares ;
 Traze exemplos mais iguaes ;
 Sabios homens não compatic
 Com os brutos animaes :

Trazem focinho no chão ;
 E nós sempre ao alto olhamos ;
 Temos em dote a razão ;
 E por isso levantamos
 Huns contra os outros a mão :

Se os homens se não matafsem ,
 E impunemente crescessem ,
 Póde ser que não achafsem
 Nem fontes de que bebessem ,
 Nem campos que fenecefsem :

Em

Em vão febres inimigas
 Os mirrados corpos gastão;
 Tornão as forças antigas;
 E está visto, que não bastão
 Nem malinas, nem boxigas:

Travem-se cruas batalhas;
 Arrazem batidos muros
 Os Soldados de quem ralhás;
 Adornem-lhe os membros duros
 Grossas, trepdobradas malhas:

Sabe que mil males faz
 A molle tranquillidade;
 E que em seu feio nos traz
 Brando luxo, e ociozidade,
 Damnozos filhos da paz:

Que nos cauza occultos danos,
 Finginda rosto innocente;
 Que a guerra de largos annos
 Conservou antigamente
 A innocencia dos Romanos:

Que

Que em quanto ao duro exercício
 Erão seus corpos afeitos,
 E da paz não houve indício,
 Não lavrava nos seus peitos
 Mortal peçonha do vicio :

Não havia mãos profanas,
 Erão suas almas íns;
 E nas simplices cabanas
 Fiavão grosseiras íns
 As castas Moças Românicas :

Fez Jano os Povos amigos,
 Inerte ocio os peitos toma;
 Cos' combates, cos' perigos
 Forão-se, ó austerá Roma,
 Os teus costumes antigos :

Entré ás Nações socegadas
 Sabe que o ocio arreigado,
 E as paixões em paz creadas,
 Fazem mais sangue no Estado;
 Do que os gumes das espadas :

Dei-

Deixa pois haver queixumes ;
Mettão-se Armadas no fundo ,
Accenda a guerra os seus lumes ;
Que assim tornará ao Mundo
A innocencia dos costumes :

A intacta fé , a verdade
Venhão com as baterias ;
Desça do Ceo a Amizade ;
E torne a doirar os dias
De Saturno a antiga idade :

Muza vã , que em ti não cabes ;
Os guerreiros arraiais
Nem vituperes , nem gabes ;
E não te mettas já mais
A fallar no que não sabes :

Haja bloqueio , haja assédio ;
O sangue humano espalhado
Nem sempre te cauze tédio ;
Que em boa dóze tomado ,
Té o veneno he remedio :

Deixa ir o Mundo seu passo ;
E contra si 'mesmo armado
Córte c'hum braço o outro braço ;
Põe na bocca hum cadeado ,
Faze o que eu mil vezes faço :

Emprega melhor teu canto ;
E pois queres que te louvem ,
Mão das Sátyras levanto ;
Poezias que os homens ouvem ,
Hum com rizo , e sem com pranto :

De bons annos na função
Leva a Filis fria gloza ;
Beija-lhe a nevada mão ;
Chama-lhe Venus forinoza ,
Inda que seja hum dragão :

Eglogas tambem dão fama ;
Falla em çurrão , e em curral ;
E do vulgo os olhos chama
Nas paredes do Arsenal ,
Cheia de applauzo , e de lama :

De

De Gallegos rodeada
Aos Aristarcos escapa ;
Té que das Tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga , e marmellada.



O S A M A N T E S.

S A T Y R A.

Offerecida ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja Dom Jozé de Noronha.

ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR

OS dias tristes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influirão insensivelmente o amor da Poezia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e esquivo-me com ellas ao pezo dos meus cuidados: a imaginação cansada de objectos que a affligem, busca, para distrahir-se, o commercio das Muzas; e os Versos que alguma vez fizerão rir os ouvintes, têm a origem nas lagrimas do seu Author.

Hoje, Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor, motivo mais alto, qual he o dezejo de agradar a V. EXCELLENCIA, me fez

fez emprender a presente Sátyra. Os meus Versos acharão o seu Mecenas : V. EXCELLENCIA se digna de os louvar , e de os proteger ; e hum voto de tanto pezo , alvoroçando a minha Muza , a faz correr , talvez sem tino , atrás de huma Protecção , que tanto a honra.

Repeti os Versos antigos ; e a primeira vez que me apresentasse a V. EXCELLENCIA , tinha de apparecer com as mãos vazias : intentei Poezia nova ; lembrou-me que hum Fidalgo moço , a quem a Filozofia temperára sempre os fogos da mocidade , e que affastando do amor os crimes , faz d'elle mais huma virtude , gozaria melhor do seu triumpho , pondo-lhe aos olhos huma pintura fiel do amor mal entendido.

Como o meu intento era divertir a V. EXCELLENCIA , ajuntei o prazer á Filozofia da Obra , e tracei huma Sátyra : este nome affusta o Vulgo ignorante ; confunde as Sátyras com os libellos infamatorios ; as que ha desta natureza , são hum crime do Poeta , que quer emendar erros , fazendo mais hum ; das melhores coizas se
pó-

póde uzar mal: a espada nas mãos do affalino , he o escandalo da humanidade ; nas mãos do Soldado fiel , he a guarda do Throno , e das Leis : V. EXCELLENCIA sabe que a severa Athenas prohibindo a Sátyra da Comedia antiga , e média , levantou Theatros para a nova , porque expunha á irrizão do povo os vicios , sem apontar os homens. O rizo não implica com a doutrina : Platão , e Horacio caminhárão por estradas diversas ; mas ambos forão Filozofos , ambos instruirão os homens ; imitando-os na tenção , me animei a ordenar , e a offerecer a V. EXCELLENCIA huma Sátyra , que se excitar rizo em huns , não o tira das lagrimas de outros ; e V. EXCELLENCIA consinta que a minha Muza humilde ponha este tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do Protector que a honra : isto pede , Senhor ,

De V. EXCELLENCIA

O Criado

OS

O S A M A N T E S.

S A T Y R A.

AMor, he falso o que dizes ;
 Teu bom rosto he contrafeito ;
 Tenta novos infelizes ;
 Que eu inda trago no peito
 Mui frescas as cicatrizes :

O teu mel, he mel azedo ;
 Não creio em teu gazalhado ,
 Mostras-me em vão rosto ledó ;
 Já estou muito escaldado ,
 Já d'aguas frias hei medo :

Teus premios são pranto , e dor ;
 Choro os mal gastados annos ,
 Em que servi tal Senhor ;
 Mas tirei dos teus enganós
 O sahir bom Prégador :

Far-

Fartei-te afsás a vontade ;
Em vãos suspiros , e em queixas
Me levaste a mocidade ;
E nem ao menos me deixas
Os restos da curta idade ?

Es como os cães esfaimados ,
Que comendo os troncos quentes ,
Por destro Negro esfolados ,
Lévão nos ávidos dentes
Os ossos ensanguentados ?

Bem vejo aljava doirada
Os hombros nús adornar-te ;
Amigo , muda de estrada ;
Põe a mira em outra parte ,
Que daqui não tiras nada :

Busca algum fofó Morgado ,
Que solto já dos Tutores ,
Ao Domingo penteado ,
Vai dizendo á toa amores
Pelas pias encostado :

Que

Que em fizada caza honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com mão refalsçada
Escritos de Cazamento,
Ora á Filha, ora á Criada:

Genealogico comprado
Lhe concede, a pezo d'ouro,
Em Castello imaginado,
Cabeça de fusco Moiro,
Sobre Escudo golpeado:

Arvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
He hum ramo desgraçado
De antigos Reis de Aragão:

Dando ao moxila o lazão,
De Filis a escada embóca,
Sempre em ar de protecção;
Alvo palito na bôca,
Branda varinha na mão:

Zom-

Zomba dos falsos Brazões ,
Que não são no berço achados ;
E diz á Moça as razões
De ter no Teliz bordados
Dois Cães , e quinze Leões ;

As historias lhe declara
Daquellas guerras felizes ;
E mostra , com mão avara ,
Os ossos de dez narizes ,
Que feu quinto Avô cortára :

Aturde a Moça boçal
Com cem Quintas , cem Commendas ;
E armando hum mappa geral
Das suas immensas rendas ,
Vai-se sem lhe dar real :

Mas se a teus farpões doirados
Não achas digno consumo ,
E os julgas mal empregados
Nestas cabeças de fumo ,
Nestes peitos altanados ,

Buf-

Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não sahia,
Mas já mette o bairro a saque,
Depois que engenhoza Tia
Lhe armou de huma saia hum fraque :

Que gravezinho namora
Com brando, e rizonho aspeito ;
Ponta de lenço de fóra ;
Mólho de flores no peito,
Prenda de certa Senhora :

Que hum trapo a seu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas ;
E antes de entrar na Novena,
Com cuspo, pelas escadas,
Vai dando aos çapatos crena :

De gêlo as pedras cubertas,
Como ás vezes me fizeste,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rígido Nordeste
Deixou as ruas dezertas ;

Oi-

Oiça duros affobios ,
Precursôres de alto insulto ;
Retalhem-no ventos frios ;
Ladrem ao postado vulto
Cem nocturnos cães vadíos :

De Paizanos falteado ,
Ronda sem fé , e sem lei ,
De espadas velhas cercado ,
E ao som da parte de ElRei ,
Por força desembuçado :

Membrudo Cabo vermelho
O apalpe ante os mais Senhores ;
Acha huma escova , e hum espelho ,
Dezoito escritos de amores ,
E hum çujo lencinho velho :

Firão teus accezos raios
Tambem na gentalha vil ,
De crestados peitos baios ,
Que começando em barril ,
Vão por augmento a lacaios :

Busca algum que da coxeira,
Quando o Patrão não sahe fóra,
Com os olhos na trapeira,
Limpendo a fege, namora
Desgrenhada Cozinheira :

Que de noite á sua porta,
Com famosos tangedores.
Que o *Talaveiras* * conforta,
Lhe manda ternos amores
Sobre as azas da Comporta :

A quem a suja Donzella,
Por almoço do costume,
Manda em fordida tigella
O primitivo xorume
Da desflorada panella.

E se te não satisfazes
Com tanta conquista brava,
Que nesta canalha fazes,
E ainda a funesta aljava
Pejada de settas trazes ;

Não

* : Caza de Povo.

Não tens velhas presumidas ,
Que em fim de mez fingem dores ,
Só ás moças concedidas ,
E tem de compradas côres
As rôxas faces tingidas ?

Cuja bôca pestilente ,
Ante hum espelho enfaçada ,
Torcendo-se destramente ,
Aprende a abrir a rizada
Por onde inda resta hum dente ?

Que ha sessenta annos donzellas ,
(Cazo raras vezes visto)
Tem titulos de Capellas ,
Com hum Habito de Christo
Para quem cazar com ellas ?

Busca alguma de bom caco ,
Que pela fenda da saia ,
Marinhando o braço fraco ,
Fisga o lenço de cambraia ,
Affastando o de tabaco :

Que

Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E vai fartar-se na alcova
De Sumonte, e de Cidade:

Amor, faze estas em postas;
Vai-lhe das lagrimas rindo,
Já que de lagrimas gostas;
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas:

Porém se da plebe escura
Em pouco o triunfo prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os Freiraticos procura:

Gentes de mais alta esteira;
Ternos, finos corações,
Que em fechada papelreira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua Freira:

Em

Em chegando a Conductorá ,
Que os sacrilegios atea ,
Hum destes de gosto chora ,
Lambe com respeito a obrea ,
Por ter cuspo da Senhora :

Posto na insípida grade ,
Em almíscar perfumado ,
Todo amor ; todo faudade ,
Comendo , em doce babado ,
Os sobejos de algum Frade :

Ao sublime estilo guinda
Sua discrição notoria ;
A que logo a Freira linda ,
Revolvendo na memoria
Os dois Livros de Florinda ,

Responde : *Os conceitos sigão
Os holocaustos do altar ;
Pois são , e as chammas o digão ,
Pedir , quem póde mandar ,
Preceitos que mais obrigão :*

En-

Entretanto hum Chantre velho ;
 A quem a Rodeira engoda ,
 E que em fechando o Evangelho ,
 Vai metter dentro da roda
 O feu cachaço vermelho :

Freiratico por fadario ,
 Tão golozo, como amante ,
 Condecinhas pelo armario ,
 E sobre a dezerta estante
 Manjar branco , e o Breviario :

Que em podre Filozofia ,
 Sectario da antiga Lei ;
 Os *Universaes* sabia ;
 E armado do *A Parte Rei* ;
 Tudo a eito distinguia :

Arranca oleozo escarro ;
 Diz á Rodeira hum conceito
 Daquelles , que já tem farro ;
 Mette os oculos no peito ,
 Throno de amor , e catarro :

Pois já que estes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor, carrega-lhe a mão;
Aprendão a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição :

Mette n'hum carcere a Dama;
Do bom Chantre os calcanhares
Vão curtir gotta na cama;
E o Secular cruze os mares,
Que foi descobrir o Gama;

E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva Lua raiar,
Vai sobre a Ribeira Nova
As azas equilibrar :

Brancos vestidos tomados,
Descubriendo as faias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos Paraltas
Os braços entrelaçados :

Ve-

Verás ser acceito logo
Teu rizo enganozo, e brando;
Não esperão por teu rogo;
E em tu do alto assoprando,
Verás chammejar o fogo:

Que alvos dedos delicados
A furto se vão beijando,
Em quanto os Pais descuidados
A loja nova admirando
Pararão embasbacados!

Verás fizudo Estrangeiro
Contando grossos tostões
Ao refinado brejeiro,
Correio de corações,
Que se comprão por dinheiro:

Verás Moça rebocada,
Na cabeça lenço çujo,
Rota capa lobraçada,
Recebendo do Marujo
Hum cópo de limonada;

E em quanto escuto os gemidos,
Que arrancas de tantos feios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus vestidos :

Se até nos teus estimados
Ervadas fettas se embebem ;
Se do teu rizo enganados
Com bôcas fedentas bebem
Veneno em vasos doirados :

Vão pé , antepé guiados
Por peitada Cozinheira ;
Mas vendo os Pais levantados ,
Dentro de enrolada esteira
Ficão n'hum canto emboscados :

Quando alta noite fufurra
Rijo , sybillante vento ,
Que as grossas portas empurra ;
E acorda o Velho avarento
Com os cuidados na burra :

Sal-

Salta da cama ligeiro ,
Corre portas , e janellas,
Registando o quarto inteiro ,
Em celoiras , e chinellas ,
Com pistola , e candieiro :

Que tremor de coração ,
Que semblantes enfiados
Os Amantes não terão ?
Que cos' cólos levantados
Ouvindo o rumor estão ?

Da janella debruçada
Desenvolve degrãos falsos
Pállida Dama affustada ;
Os mimozos pés descalços ,
A madeixa ao vento dada :

Pois se estes teus escolhidos ,
Por cabedaes , por figura ,
Das Nizes favorecidos ,
Maldizem sua ventura ,
E descem arrependidos ;

Co-

Como hei de eu crêr-te , que apenas
Vi de longe tranças de oiro ?
Debalde outro engano ordenas
A quem de teu vão thezoiro
Nunca teve mais que penas :

De teu rol meu nome risca ;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoos arisca ;
Mas com peixe já sangrado ,
Não gastes a tua isca :

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias ,
Ao som de meus ais forjadas ;
Arranco das rotas veias
Cruas settas despontadas :

Sangue innocente esparzirão ;
Mais á idéa me não tragas
Huns olhos , que enxutos virão
Estas desgraçadas chagas ,
Que em teu serviço se abrirão :

Dei-

Dei-te os cuidados, e os dias;
De tudo já foste dono,
Restão só melancolias;
Que gloria te dá hum throno
Posto sobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que esperão?
Dá folgo aos escravos mancos,
Que em teu carro entorpecêrão;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros nascêrão.



S A T Y R A

*Offerecida ao Illustrissimo, e Excellentissimo,
Senhor Dom Martinho de Almeida,
no Anno de 1779.*

A Vós, que favor me dais,
Illustre, e Sabio Martinho,
Que meu fraco engenho alçais,
E das letras o caminho
Dentro dellas me mostrais:

Homem são, e sem rezerva,
Que pondez sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:

Vosso Servo hoje se atreve
A mandar em má poezia
Bons desejos, que ter deve;
Que tendes paz, e alegria,
Mais que o triste, que isto escreve:

Que

Que nessas vastas campinas,
Que assombrão ermos oiteiros,
Vivais horas mais benignas;
Livre de duros Banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas:

Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho;
Com o Conde passeai;
Ide adoçando co' Filho
Justas saudades do Pai: ~

Ensinai-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrai-lhe nessas Herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugirão das Cidades:

Que ame a pura fingeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza;
Que huma he obra da Ventura,
E a outra, da Natureza:

Mas

Mas voltando a nós a mão,
Vós Filozofa profundo,
Que conversais com Platão,
Vede se lhe achais hum Mundo,
Que nos encha o coração :

Que este em que estamos, Senhor,
Sempre surdo a sãos conselhos,
Volve a roda a seu favor;
E dizem Pilotos velhos,
Que vai de mal a peor :

Quantas vezes nós fallamos
Sobre a sua natureza?
Quantas mazellas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condemnamos :

O bom *Demócrito* ria
Do que a nós nos cauza dor;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós também, Senhor,
Fazer o que elle fazia :

Dos

Dos homens na vã loucura
Hum pouco meditaremos;
E com alquímia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura:

Quando vierdes, então
Correremos a Cidade;
Huns que vem, outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:

Veremos o vão Paralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva Dama,
Que de pedra em pedra falta:

Aos Cafés iremos vello
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovello,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapéo de pélo:

Al-

Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá, que desde criança
Andou sempre viajando,
Que vio Londres, que vio França;

Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socego quiz
Cidades, Reinos inteiros;
Jura que como em Pariz
Nunca achou Cabelleirciros:

Exalta os môlhos Francezes
Dos banquetes que lhe derão;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esquecerão
Muitos termos Portuguezes:

Chamará á Patria ingrata;
Murmurará do Governo,
Que do bom gosto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivellas de prata:

Em

Em dois minutos emenda
O Mundo ; que vai perdido ;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra , e em que vestido
São proprios punhos de renda :

Carregando a sobancelha ;
A fallar na historia salta ;
E logo da França velha
Reconta o pobre Paralta
Coizas que pescou de orelha :

Faz ao bom *Sulí* justiça ,
Que os fios da espada embota
Ao Rei , que em furor se atica ;
E não lhe esquece a anacdocta ,
Que hum Reino vale huma Missa :

Falla em São Bartholomeu ,
E quazi que as gottas conta
Do sangue que então correo ;
E ao certo as folhas aponta
Da historia que nunca leo :

Ri-

Riremos do seu estudo ;
Porque só o tem mostrado
Em ter chapéo gadelhudo ,
Em ter canhão cerceado ,
E em pôr de mais hum canudo :

Iremos ouvir mil petas ,
Quando mais o Sol se empina ,
Vendo acerrimos jarretas ,
Junto a Santa Catharina ,
Argumentando em Gazetas :

Hum quer a cabeça dar ,
Se o Conde de *Essex* não fez
Trinta Náos desarvorar ;
Outro levanta em hum mez
O cerco de Gibraltar :

Hum , riscando a terra , ensina
Co' a vengala a Geografia ;
E nos diz com quem confina
Ao Poente , e ao Meiodia
A Georgia , e a Carolina :

Out-

Outro aos Inglezes dezeja
Na Armada o fogo ateado ;
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja :

Outro conta os graves damnos ,
Que esta Gazeta declara
Tiverão os Castelhanos ;
E o triunfo Inglez compara
Cos' triunfos dos Romanos :

Ao seu partido se afferra ;
Diz que inda cos' mastos rotos
Ao Mundo farão a guerra ;
Mas fica vencido em votos ,
E leva a bréca Inglaterra :

Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em justa guerra ;
E este Concilio profundo ,
Sem ter hum palmo da terra ,
Está repartindo o Mundo :

Da-

Dado em fim o Inglez á sola,
Qualquer dos ditos Confrades
Na rota capa se enrola;
E tendo dado Cidades,
Nos vem pedir huma esmola :

Dalli, Senhor, voltaremos
Pelas Praças principaes;
Que bellas coizas veremos!
Que famosos Editaes
Pelas esquinas lercmos!

*Chegou Monsieur de tal,
Quimico em Paris formado;
Traz segredo especial;
Hum Elixir approvedo,
Hum remedio universal:*

*Não pertende ajuntar fundo
Cos' grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deos
Os dentes a todo o Mundo:*

Ire-

Iremos ler no outro lado,
Onde acazo os olhos puz :
Em quarto grande , e estampado
Sabio novamente á luz
Carlos Magno commentado :

Na mesma loja hão de achar :
As Obras de Caldeirão ,
Que em bom preço se hão de dar ;
E o Cavalheiro Christão ,
E as Regras de Partejar :

Destas ridicularias ,
E de outras taes murmurando
Co' as nossas Filozofias ,
A tarde iremos gastando
Té que dem Ave Marias :

Então já quando em cardume
Sahê gente da Fundição,
Como sabeis que he costume ,
E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume :

Quando a Dama requestada
 Hum vulto na esquina vê,
 E diz á fiel Criada,
 Que desça pé, antepé,
 E tome o escrito na escada:

Quando todo o Ginja rico
 Para caza a prôa inclina,
 Por temer facas de bico;
 E cuida que a cada esquina
 Lhe lança mão o *Juanico*:

Então, meu Senhor, teremos
 Função de mais alto preço;
 A certa assembléa iremos
 De huma gente que eu conheço,
 Onde á vontade riremos:

Feita a geral cortezia,
 Pé atrás, segundó a moda,
 Daremos á Mãe, e á Tia,
 E depois a toda a roda,
 Alto, e baixo, *Senhoria*:

A Mãi, já dragão formal ;
Espelho de defenganos,
E que, por seu grande mal,
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal :

Posta de roda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha ;
E de longe a ver-lhe eu entro
Çapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro :

A Tia séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer ;
E destas que dão a Deos
O que o Mundo já não quer :

Sente hum desgosto infinito,
Que o Mundo a deixe tão sedo ;
Affecta mystico espirito ;
Porém suspira em segredo
Pelas cebolas do Egypto :

L'Abbè ; que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas mêas,
E prezidindo em Matinas,
Vai depois ás Assembléas
Cantar modas co' as meninas ;

He quem lhe rouba attenções,
E lhe accende hum fogo interno ;
Trata-o com mil expressões ;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos seus Livros de Orações :

Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz ;
E sabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião :

Pouco ás Filhas fallatei ;
São feias , e mal criadas ;
Mas sempre conseguirei ,
Que cantem desafinadas
De saudades morrerrei :

Can-

Cantada a vulgar modinha,
Que he a dominante agora,
Sahe a Moça da cozinha,
E diante da Senhora
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada meza, logo
Bandeja, e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são trastes, que parece
Que escaparão de algum fogo:

Em bule chamado Inglez,
Que já para pouco ferve,
Duas folhas lança, ou tres
De canfado xá, que ferve,
Com esta, a setima vez:

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo Tendeiro,
Canfado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro:

Sa-

Sahiremos de improviso ,
 Despedidos á Franceza ;
 E iremos , pois he preciso ,
 Na vossa esplendida meza
 Largar redea á fome , e ao rizo :

De tudo nos lembraremos ;
 A famosa digressão
 Ao bom Marquez contaremos ,
 E do vermelho Monção
 Mil saúdes lhe faremos :

Mas , Senhor , agora vejo
 Quanto o pensamento voa ;
 Estar com vosco dezejo ;
 Não podendo co' a pessoa ,
 Fui ao menos co' dezejo ;

Correo com largueza a mão ;
 Escreyi mais do que devo ;
 Foi culpa do coração ;
 Quando vos fallo , ou escrevo ,
 As horas instantes são ;

Quem me seja pouco affeito,
Vendo estas regras singelas,
Dirá com damnado peito,
Que escrever-vos bagatelas,
He faltar-vos ao respeito;

Mas vós sois sabio, e sois justo;
Sabeis a quem me encostei;
Boileau, que escreveo sem fusto,
Fez o mesmo ao grande Rei,
Fez o mesmo Horacio a Augusto.



(184)

A FUNÇÃO.

SATYRA.

MUza, basta de rimar;
Já fazes esforços vão,
Vai a Lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pezada
Te encheo de rugas a testa;
Já co' a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueada;

Teu Estro, falto de meios,
Já furta mais do que imita;
Vás dando airozos passeios,
E todo o Povo te grita,
Larga os vestidos albeios;

Tua

Tua vaidade faz dó ;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de carunchos, e pó,
Com velhos loiros furtados
Do sepulchro de Boileau :

Lêste por teu mal hum dia
Este Livro endiabrado ;
Tal te poz a fantazia,
Que o corpo velho, e cansado
Inda te pede folia :

Depois que vistoza Quinta
Te deo brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel, e tinta :

Bem me lembra o sitio ameno ;
Quanto vi, tenho presente ;
Mas a ti he que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vás sempre deitar veneno :

Com

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Por apraziveis caminhos,
Formozo Esquadrão montava
Ajacizados burrinhos :

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Coizas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adellas;

E que em quanto em tões desmanchos
A Irmã, com titulos falsos,
Faz a gloria destes ranchos,
Corre o Irmão, cos' pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos :

Di-

Dizes que hum , o qual eu callo ,
Assentando que as Senhoras
Querem todas namorallo ,
Cravando a furto as esporas ,
Mettia em obra o cavallo :

Que outro , falto de expressão ,
Traficar de longe quiz ;
E com o lenço na mão ,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração :

Mas quanto atéqui exprimes ,
Por mais que as côres lhe mudes ,
Por mais que a teu geito o rimes ,
Creio que não são virtudes ,
Porém tambem não são crimes :

No largo páteo apeados ,
Que alva cal em torno pinta ,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na Quinta ,
Huns dos outros separados :

Fa-

Faiseando os olhos lumes ,
Perdido o fizo , e o conselho ,
Gritas em vivos queixumes :
= Onde estão , Portugal Velho ,
Onde estão os teus costumes ?

Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga ?
Quando era grande função
Ir a Amiga ver a Amiga ,
E merendarem no chão ?

Quando a Filha sem labéo
Hia cantar com trabalho ,
E eo' a innocencia do Ceo :
Senhor Francisco Bandalho ,
Fitta verde no chapéo ?

Oh malditos os primeiros ,
Que a Idade de Oiro inventarão !
Que banirão pegureiros ;
E nos campos misturarão
Os Lobos com os Cordeiros ?

Qual ,

Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo: *Ingrata, aprende*
Destes passarinhos ledos;
Amor sua voz entende,
São de amor os seus segredos:

Qual co' a navalha affiada
Desigual cortiça aplanada,
D'antiga arvore copada,
E entalha, em letra Romana,
O nome de sua Amada;

Beija então as letras bellas;
E de Versos curiozo,
Pondo brandos olhos nellas,
Pede ao tronco venturozo,
Que as vá erguendo ás Estrellas:

Dizes que por mais que eu prégue,
São baldados meus officios;
Que ninguem já mais consegue
Marchar sobre precipicios,
Sem que algum pé lhe escorregue:

Sen-

Scntão-se entretanto os Pais ;
Vem Gazeta , e Rei da Prussia ,
Vem os Estados Gerais ;
Marchão com as Tropas da Russia
As Tropas Imperiais :

Hum conta da porta o estado ;
Diz que das Pazes o Artigo
Vai mui pouco acautelado ;
E tendo a Filha em perigo ,
Ri do Turco descuidado :

Co' a pintada sobranceira
Vai sózinha passeando
Boa Mãi , sincera Velha ;
Dos esgalhos resguardando ,
Ora a pellicia , ora a telha ;

Pondo contra a luz a mão ,
E crendo que nesta rua
Está São Sebastião ,
De Venus á Estatua nua
Faz mizura , e oração ;

Em

Em tanto as Venus melhores,
Do que esta, que a Arte fez;
Escutão ternos amores,
Que estão jurando a seus pés
Felizes adoradores :

Basta, Muza, pare'ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste comigo,
Mas eu nada d'isso vi;

Foi por meu braço levada
Huma das ditas Donzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sobre d'ontas Novellas
De tenros annos creada;

Levantou sábias questões,
Que ella mesma resolveo;
Fez profundas reflexões;
E por fim me promettera
Ler-me as suas Traducções;

Ju-

Jurou que aprendeo Grammatica,
E que hoje os Livros não feicha
Da infallivel Mathematica;
E quer ver se o Pai a deixa
Ir na Máquina Aerostatica:

Só de nós podes fallar;
Dos mais, como has de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?

Dizes que he falso este nome;
Que foi jantar de matula,
Onde só quem furta, come;
Juras que no Altar da Gula
Foste Victima da Fome;

Mas da tua femração
Eu vi prova verdadeira;
De habil Velha a crespa mão
Foi atacando a algibeira
Cos' sobejos da Função;

Se

Se Nize , que faz estudo
De affectar moral virtude ,
Com ar austero , e fizado
Faz criminoza faude
Com os olhos no seu *Tudo* ;

Se o Xixisbeo seu vizinho
Lhe vai affagando os dedos
Do tenro , furdo pézinho ,
E por saber-lhe os segredos
Lhe bebe o resto do vinho ;

Se máo Trinchante novato ,
Mostrando anel de brilhantes ,
Mas errando a força , e o tacto ,
Com rizo dos circunstantes ,
Trinchou o perum , e o prato ;

Se gordo , Beirão Morgado ,
A quem seus canhões affrontão ,
E em par de meias bordado ,
Traidores vincos nos contão
As vezes que as tem calçado ;

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo que a adora;
Que de fartos Pais he filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho:

Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa hum beijo espetado;

Tudo isto são méros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores coizas succedem
Nas que julgas delicadas:

Eu já vi boçal Criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar hum moço na escada,
Que vem buscar a toalha,
Se está já desoccupada:

Dei-

Deixa pois tenção roim ;
Foi hum soffrivel jantar ;
E depois que elle deo fim ,
Foi máo ver contradançar
Toda a tarde no jardim ?

Déstros Pares perfilados ,
Que o brilhante enredo tecem ,
Derão promptos , e acertados ,
Hum prazer , que só conhecem
Os corações delicados :

Venus mefina não fizera
Jogos mais encantadores ,
Quando dizem que descêra
Entre as Graças , e os Amores
Sobre os Jardins de Cithéra ;

E que mal te fez então ,
No furor das contradanças ,
Ver Parceiro cortezão
Ir levar á Dama as tranças ,
Que lhe cahirão no chão ?

Das tres Velhas que dançarão,
Se huma gritou de repente,
Foi porque os pés a entregarão,
Quando desgraçadamente
Os dois callos se encontrarão;

E se acazo em ti não ha
Gosto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas, que vem co' tempo,
O tempo as acabará :

Não são os gostos eternos;
Teve o Passapié amigos,
Ainda não ha quinze Invernos;
Foi a gloria dos Antigos,
Hoje he mófa dos Modernos :

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Istericos, Jozézinhos,
Feitiços, e contradanças :

Em

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos prontos,
Loiro Paralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *Londum cborado* :

Se Marcia se bamboleia
Neste innocente exercicio,
Se os quadriz faracoteia,
Quem sabe se traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não sentencees de estallo;
Tem as danças fim decente;
Ama o Pai, mas por deixallo,
Dança a Donzella innocente
Diante de São Gonçallo :

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o Povo he tributario,
Velho Preto prazenteiro,
Para gloria do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro :

Em

Em solenne Procissão
Une a Friaieira casta
O Fandango, e a devoção;
Mas em fim de exemplos basta,
E tornemos á questão:

Já d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos alentos,
Com segundas, e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As Modinhas Brasileitas;

E que mal te fez na porta,
Pai, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loira, e torta,
Dizer que pegão á filha
Hum bocado de *Comporta*?

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Por déstros galgos achadas
No jogo das escondidas?

Mu-

74. Modas, que canta a gente da Plebe.

Muça, abre os olhos escassos,
Não te enganes co' a appparencia;
Senão torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jogo dos abraços:

Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva
Tão destramente as baralha,
Que sempre sahio viuva
Santa Velha, que não ralha:

Tira a este brinco o véo,
Util fim verás mil vezes;
Dalli sahe o Xixisbeo;
Dalli se levão as rezes
Aos Altares de Hymeneo;

E se co' a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tão bem passada,
Com menos cauza gritaste
A' noite na retirada:

Se a pé, dando o Jozézinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe cahisse o burrinho:

Todas contentes chegarão;
Nenhuma chegou moída;
E depois que se apearão,
Alli mesmo, á despedida,
Outra Função ajustarão:

Vês, Muza, como atropellas
A innocencia das Funções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das accões,
Vem de quem julga mal dellas:

Segue outra Filózofia;
Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia;
Na discreta variedade
Está do Mundo a harmonia;

Bra-

Bravo Inglicz sanguinolento,
 Depois de deixar votado,
 Que se affronte o mar, e o vento,
 Cuidas que fica fechado
 Nas salas do Parlamento?

Se pela Patria se canfa,
 Tambem prazeres dezeja;
 De manhã affusta a França;
 Arrota á noite cerveja,
 Canta mal, e contradança:

Trata pois de te emendar,
 E deixa vidas alheias;
 Que o Povo está a zombar
 Em quanto te inchão as veias
 Com a força de prégar:

Thomás dos Pós fez Missões;*
 Ajuntou gente infinita;
 Mas inda em negros vergões
 Traz nos artelhos escrita
 A paga dos seus Sermões:

To-

* Donato, que por prégar, foi para as Galés.

Toma em fim a lição minha ;
Mas se estás na mesma frágua
Daquella mulher mesquinha ,
Que alçando a mão fóra d'agua ,
Fez cos' dedos tizoitinha :

Teme o raivozo furor
Do Exercito dos Paraktas ,
Que em armas se vai já pôr ;
Tambem o das poupas altas ,
Que he inimigo peor :

Guardáq no peito odio velho
Por motivos semelhantes ;
E se crês no meu conselho ,
Mata-lhe antes os Amantes ,
Quebra-lhe o melhor espelho ,

Prohíbe-lhe as convulsões ;
Abre-lhe ao cãozinho as veias ,
Que pata tudo ha perdões ;
Mas nunca lhe chames feias ,
Nem lhe entendás oo' as Funções.

O VELHO.

SATYRA.

EM vão te quero fugir ;
 Fatal Velhice , as tuas fétas
 De perto me vem ferir ;
 Bem oíço o som das muletas ,
 E bem te sinto tossir :

Assim Natureza o quiz ;
 Já em teu rol me alistaste ;
 Já em triunfo infeliz
 Huns oculos arvoraste
 Neste vencido nariz :

Vens agora em teu vassallo
 Imprimir novos ferretes ;
 Aos justos me humilho , e callo ;
 Brotem nodozos joanetes ,
 Nasça em cada dedo hum callo :

Mas

Mas não dês com mão maldita
 Castigo sobre castigo ;
 Eu não fujo á lei prescripta ;
 E teimar tanto comigo ,
 Não he lei , he rebem dita :

Queres que nojozo pranto
 Já me ereste rubros olhos ?
 E não farta inda com tanto ;
 Alças barteira de folhos ,
 E já me apontas hum canto ?

Já me mandas , que abafado ,
 Martyr de algozes receios ,
 Pardo lenço sobraçado ,
 Tente convulsos passeios
 No meu Gallego encostado ?

Venha o mal , mas não se apresse ;
 Sobre o consultado espelho
 Meu rosto não esmorece ;
 Queres saber quem he velho ?
 He velho quem o parece :

Sei que a calva me condemna ;
Que importuna côr de fdoira
A grenha ; pouca ; e pequena ;
Mas esta marrafa loira
Lança hum véo sobre a gangrena :

Não me venha já fechar
Apreçada mão ferina ;
Tenho hum alma , e posso andar ;
Quero da fiel Nerina
Pela rua passear :

Sizudo amor nos prendeo ;
Nerina não quer ver rotos
Os laços que me teceo ;
Quer consagrar nossos votos
Ante a faxa de Hymeneo :

Velhos da ultima idade ,
Ao longo calção estreito
Mandão apertar metade ;
Porque inda traz o defeito
De andarem nelle á vontade ;

Pois

Pois se há tantos refundidos
Com quem fazes grossa a vista,
Seja eu dos favorecidos;
Augmenta comigo a lista
Dos teus escravos fugidos:

Deixa em fim, deixa abrandar-te;
Quando não, rebelde preza,
Heide as forças disputar-te;
Tens por ti a Natureza,
Eu tenho o costume, e a Arte:

Troca a Arte annozos Freixos
Em doirado Bergatim;
Troca em Ninfas toscos feixos;
E torna em alvo marfim
Podres, solitarios queixos:

Que importa que a côr grizalha
Me infame o rosto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador Barbeiro
Os meus annos na navalha?

Se

Se em cortezaá sociedade
Lésbia contrafaz denguiçe ;
E fiada no alvaiade ,
Quer tributos na velhice ,
Sem os ter na mocidade :

De tigellas rodeada ,
Se á vontade os annos troca ;
E por ficar bem pintada ,
Com colhér dentro da bôca
Alteia a face engilhada :

Se a furda orelha applicando ,
Por mostrar que ouvira tudo ,
Vai co' a cabeça approvando
Maganão , que em ar fizudo ,
Serpente lhe está chamando :

Se assim mesmo quer Amantes ;
Se Alcino ajustando á Lyra
Mentirozos consoantes ,
A seus joelhos suspira
Pelos brincos de diamantes :

Mo-

Moço de mesquinha forte,
Que tendo á indigencia horror,
Vende amorozo transporte,
E entoa os hymnos de Amor
Ao Simulacro da Morte:

Pois se a Lésbia he permittido
Rebellar-se á Natureza,
E a seu duro açoite erguido;
Porque estúpida baixeza
Hei de eu dar-me por vencido?

Cêdão trêmulos Jarretas,
Que já quatro idades contão;
De Cupido as mãos discretas
Sobre cinzas não apontão
As suas doiradas settas:

Ceda Anfronio, que assentado,
O queixo em vão mastigando,
Na poltrona agazalhado,
Vai sendo de quando em quando
Pelas filhas assoado:

Que

Que dando rizadas tontas
Da contradança aos enredos,
E rezando ao som de affrontas,
As Netas apertão dedos,
Em quanto elle passa contas :

Sobre Anfronio assenta bem
Teu açoitê levantado ;
Contra mim sem tempo vem ;
Que em estando escanhoado,
Não me troco por ninguém :

Debalde de alcatruzar-me
Agora em vingança gostas ;
Vejo Nerina a esperar-me,
Gritarei com dor de costas,
Porém hei de indireitar-me :

Gemão, subindo a calçada,
Meus torcidos ossos velhos ;
Que com a porta cerrada,
Pondo a cara nos joelhos,
Tomarei fôlgo na escada :

Entrarei fazendo agrados,
Comprados dentes mostrando
Os meus beijos ensinados;
E nos aventaes lançando
Mãos cheias de rebuçados:

Direi mil amores ternos,
Ante Nerina ajoelhado;
Mascarando os meus invernos
Com cabeção encarnado,
E botõeszinhos modernos:

*Meu Tudo, vem hum primor;
Vale mais que mil Paraltas;
He o retrato do Amor;
Bem lhe estão as feições altas;
Vem hoje mesmo bama flor:*

*Senhora, são os enganos
Da belleza companheiros;
Em mim só ha desenganos;
Tendes nestes Cavalheiros
Mais prendas, e menos annos:*

On

*Outra idade me convinha
Para vos ser bem acceito ;
A accender a paixão minha
Venus contra o vosso peito
Seus Cisnes não encaminha :*

Beijo-lhe a nevada mão,
E vou por ella mandado,
Pondo hum chapéo de galão,
Repetir, com pé virado,
Castelhana relação :

Mas tu, Velhice raivoza,
Só comigo impertinente,
Desigual, escandalozza,
Com tantos tão indulgente,
Comigo tão rigorozza ?

Forjando na testa injusta
Vís idéas insultantes,
Gritas, - que Nerina he justa ;
Que me lança aos circumstantes,
E os diverte á minha custa :

Que he a travessa Nerina,
 Que me fez ao Sol expôr
 Dez manhas a huma esquina;
 Sendo as pagas deste amor
 Rizadas, e huma maligna:

Que dos sete Amantes seus
 Que suspiramos feridos
 Co' as settas do cégo Deos,
 Escuta os ternos gemidos;
 Mas por mófa, só os meus:

Que os olhos, que eu chamo Soes,
 Mestres de attractivas tretas,
 Tem só oiro por faroes;
 Que allí forja Amor mil settas,
 Que levão na ponta anzoos:

Mas que barbara insolencia!
 Que injusto, infernal conceito!
 E es tu irmã da Prudencia?
 Infamar hum casto peito,
 Throno de amor, e innocencia?

Unir-se a Noite co' a Aurora,
Ver rebentar d'agua fria
Viva chamma abrazadora,
Mais facil isto seria,
Que ser Nerina traidora:

Seus fiscaes meus olhos são,
Inda d'antes que os seus passos
Tocassem paterno chão;
Vi-a crescer nos meus braços,
Leio no seu coração:

Sem mim nunca póde estar;
Co' meu Moço á noite vou
A sua porta rondar;
Quer saber que alli estou,
Gosta de ouvir-me escarrar:

Contando historias de Fadas,
Em horas que o Pai não vem,
E co' as pernas encruzadas,
Sentado ao pé do meu Bem,
Lhe dóbo as alvas meadas:

Seus

Seus escritos, que me affirmão
Singelo amor, fé segura,
Com o seu sangue se firmão;
Pelos meus olhos o jura,
E as Criadas o confirmão:

A caça, a fina fedinha,
De que as gavetas são fartas,
Com inveja da Vizinha,
O Pai mesmo lê as cartas,
Em que lhas manda a Madrinha:

Quando alguém mais sedo chega
Nos dias de Companhia,
Aos p'rigos nunca se entrega;
Leva sempre a austera Tia,
Inda a pezar de ser cega:

E tu, Velhice cruel,
Manchas tão justa paixão!
Com a lingua molhada em fel
Manchas puro coração,
A si, e a mim tão fiel!

Mas

Mas ainda a ser evidente
Quanto queres inventar;
Apostolo impertinente,
Para que has de tu suar,
Se não sua o Padecente?

Doces expressões sinceras,
Meigo, carinhozo dó,
Suppõe que não são devéras;
Por ventura sou eu só,
Que me nutro de quimeras?

Se poz Natureza crua
Em cada hum hum furor,
Só em mim a espada nua?
Se a minha teima he o amor,
Todos os mais tem a sua:

Fabio, antigo Cavalheiro,
Mas que herdou só pergaminhos,
Quebrando hoje o mialheiro,
Deixou rotos os fillinhos,
E comprou hum reposteiro:

Pe-

Pede esmola em baixa voz ;
E alegre sua alma nobre ,
Zomba da pobreza atroz ,
Beijando no dado cobre
As Armas de seus Avós ;

Ticio , de Versos fallidos
Fabricante impertinente ,
Huns curtos , outros compridos ,
Quer que gemão igualmente
As Imprenhas , e os ouvidos :

Enfastiados Freguezes
Jurão que este Author he louco ;
O Cégo grita seis mezes ;
E á noite , raivozo , e rouco ,
Conta os mefmos Entremezes :

Mas Freira , que tem dinheiros ,
E da *Fenis Renascida*
Repete tomos inteiros ;
Dois triennios incumbida
De dar Motes nos Oiteiros :

Que

Que hoje com dois estupores,
Buscou dos banhos o abrigo;
Pródiga em xá, e em louvores,
He quem desforra este Amigo
Do desprezo dos Leitores:

Ticio ri de semrazões,
Vende ás Tendas pelo vulto
As divinas producções;
E tem dó do Povo estulto,
Que gosta mais do Camões:

Pois se aqui na terra dura,
Que tu empeiorado tens,
Não ha solida ventura,
Deixa-lhe ao menos os bens,
Que finge a humana loucura:

Mas tacs argumentos são
Para o meu cazo escuzados;
De Nerina a estimação,
Firme amor, doces agrados,
Não são bens de opinião:

Ve-

Velho que attento namora,
Que arrosta calmas intensas
Por servir a quem adora;
Que lhe cobra logo as Tenças,
Que he Comprador da Senhora;

Que he calado, que he pollido,
Que tem hum coração lizo,
Com outras não dividido,
Pelas Damas de juizo
He aos Moços preferido;

Que faz sobancelha preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Se sabe a Dama discreta,
Que nos Cafés seus escritos
São a segunda Gazeta?

Mil relogios, mil fivellas,
Que aos Adonis muitas derão
Para huma irmã ir a Bellas,
A' terça feira pendêrão
Nas cabanas das Adellas:

Cui-

Cuidas que he hum Corollario
Ser velho amante infeliz?
Amor he muito arbitrario;
Manda este sabio juiz
Muitas vezes o contrario :

Roto Diccionario antigo
Me dá neste assumpto a mão;
Trata deste mesmo artigo;
E inda que he mera ficção,
Atiça a luz ao que eu digo :

Branda doença tocava
De moço Marido o peito;
Terna Esposa o não deixava;
Desgrenhada sobre o leito,
Triste pranto derramava :

Vem loquaz Medico forte,
Que com a penna homicida
Governa as coizas de forte,
Que nos esteios da vida
Levanta o throno da morte :

Por,

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voão ;
Por elle folgão herdeiros ;
E em mil hermos adros fôão
As enxadas dos Coveiros :

À triste victima então ,
Que o ultimo instante goza ,
Porque cahira em tal mão ,
Passou dos braços da Esposa
Para as garras de Plutão :

Não foi ver a clara luz ,
Que em doce silencio raia
Nesses vastos campos nús ,
Aonde o filho de Maia *
Piedozas sombras conduz :

Foi ao Reino dos espantos ;
O coitadinho pasmava ,
Quando alli vio taes , e tantos ;
Vio muitos , que elle cuidava
Que erão neste Mundo huns santos :

Mas

* Mercurio, filho de Maia, era na Fabula o Condu-
tor das Almas aos Campos Elizios.

Mas o que mais o admirou
Foi ver seu velho Criado,
Que elle dos bons Pais herdou,
Por longas cans abonado,
E a quem a caza entregou :

Homem, lhe diz, que a ambição
Me viesse aqui trazer,
Pede-o a justiça, e a razão;
Quiz meu filho enriquecer,
E para elle fui ladrão :

Mas de ti me maravilho;
Dize, ó homem de conselho,
Por que vieste a este trilho?
Vim, responde o afflicto Velho,
Por ser o Pai do tal filho :

Com esta historia te ensino...
Porém tu me tens vedido;
E ás idéas que combino,
Vás co' teu queixo cahido.
Dando hum forrizo malino :

Di-

Dizes que os annos escondo,
Fundando razões nos ventos;
Que á parte a verdade pondo,
A fizudos argumentos
Só com fabulas respondo;

E em quanto te estou provando,
Que me devem ter amor,
Vás as settas affiando;
E o trahido Prégador
Com ellas ameaçando:

Fira embora a mão mesquinha,
Que eu nunca lhe cederei;
He Nerina a paixão minha;
E por cazas andarei
Atrás della em cadeirinha:

Ella virá ajudar
Meus tardos, mal firmes passos;
E por não me constipar,
Irão os seus alvos braços
As vidraças abaixar:

Sua

Sua bôca esfriará
Meu xá, se quente o sentir;
Meus óculos limpará;
E para me fazer rir,
No seu nariz os porá:

Perdes em fim os cuidados
Sem vires cos' teus sequazes,
Triunfantes, apupados,
Brinco, e medo, dos rapazes,
Os fujos Gatos-pingados:

Então quando tendo alçado
Das tristes, feridas cazas,
A Morte seu voo ouzado,
Encolher as negras azas,
E poizar no meu telhado;

Quando os dias que me agoiras
Sentirem o ultimo frio,
Que em teus cofres entizoiras,
E a Parca em meu debil fio
Fechar as fataes tizoiras;

En-

Então sim, então venceste ;
Os teus olhos fartarás
No triunfo que tiveste ;
Mas também então verás
A loucura que fizeste :

Sem hum Velho affim jucundo,
Que ponha côr, ponha dentes,
Quaes são teus bens, qual teu fundo?
Es o terror dos viventes,
Es o maior mal do Mundo :

Sem mim, sem minhas trapaças,
Sem ternura, sem meiguice,
Sem estudadas negaças,
Como andaria a Velhice
A par do Amor, e das Graças?

Chora então quem te arrancou
O arraigado vituperio ;
Que os horrores te affastou ;
Que adoçou o teu imperio,
E que em te negar, te honrou ;

E

E sobre huma campã breve ,
Com perfundado lavor ,
Que a mão do Tempo não leve ,
Em honra tua, e do Amor ,
Este Epitafio me escreve :

*Aqui , liza pedra , encobre
Hum peito nunca infeliz ;
Todo o Amante animo cobre ,
Vendo que este foi feliz ,
Que além de velho , era pobre.*

FIM DO TOMO I.

Tom. I.

P.

IN.

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..

I N D I C E

Do que contém este I. Tomo.

S O N E T O S.

<i>A N. Senhora</i>	- - - -	Pag. 3.
<i>A Sua Alteza</i>	- - - -	4. 5.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima</i>	- - - -	6.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja</i>	- - - 7. 8. 9. 10. 11.	
<i>Ao Excellentissima Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja</i>	- - - 12. 13. 14. 15. 16.	
<i>Ao Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde</i>	- - - - - 17. 18. 19.	
<i>Ao Nascimento do Excellentissimo Senhor D. Jozé de Noronha</i>	-	20.
<i>No dia, em que o baptizou seu Tio o Excellentissimo Senhor Princi- pal Almeida</i>	- - - - -	21.
<i>Fazendo annos a Excellentissima Se- nhora Marqueza de Lauradio</i>	-	22.
		<i>A'</i>

<i>A Excellentissima Senhora Condeça do Vimieira</i> - - - - -	23.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja</i> - - - - -	24.
<i>Ao Filho da Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja</i> - - - - -	25.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Conde de Rezende</i> - - - - -	26. 27.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Principal do Castro</i> - - - - -	28. 29.
<i>Ao Excellentissimo Senhor Luiz Pinto de Souza</i> - - - - -	30.
<i>Ao Excellentissimo Senhor José de Seabra da Silva</i> - - - - -	31.
<i>De Senhor Conselheiro Francisco Feliciano Velho da Costa</i> - - -	32.
<i>Mote. O Ilustre, o Benefico Tarouca</i>	33.
<i>No despedida da Quinta-das Lapas</i>	34.
<i>Aos annos de bum Juiz do Crime</i>	35.
<i>No dia, em que chegou a Não dos Quintos</i> - - - - -	36.
<i>No ultimo dia de Férias</i> - - -	37.
<i>A dois-Velhos jogando o Gamão</i> -	38.
<i>Aos que apontão á Banca</i> - - -	39.
<i>Convalescendo o A. de hamaç Sezões</i>	40.
	Na

<i>Na occasião da Loteria Inglesa</i> -	41.
<i>A hum Taful, que protestou não apontar á Banca</i> - - - -	42.
<i>Ao Fogo da Banca</i> - - - -	43.
<i>Ao Fogo do Trinta e Hum</i> - -	44.
<i>Entregando o Ponto á Deoza Fortuna</i> - - - - -	45.
<i>Ao Fogo do Isque</i> - - - -	46.
<i>A hums annos</i> - - - - -	47.
<i>Soneto</i> - - - - -	48.
<i>Deitando hum Cavallo á margem</i>	49.
<i>A hum Sujeito, que pela primeira vez se tosquiou</i> - - - -	50.
<i>Soneto</i> - - - - -	51.
<i>Sátyra ás Contradanças em dias de Procissões de Quaresma</i> - -	52.
<i>Pintando huma bulha de dois bebados</i>	53.
<i>A impertinencia dos Sinos de Villa Viçosa</i> - - - - -	54.
<i>A's Fivellas grandes</i> - - - -	55.
<i>Ao Mez de Janeiro</i> - - - -	56.
<i>Soneto</i> - - - - -	57.
<i>A Mulher que açoitou o Marido</i> -	58.
<i>A huma Sege de aluguer</i> - - - -	59.
<i>A Arte de Rhetorica</i> - - - -	60.
<i>Definição de Chanfana</i> - - - -	61.
	<i>Aos</i>

<i>Aos Machos ruffos</i> - - - - -	62.
<i>A humas Sezões teimozas</i> - - -	63.
<i>Sobre protestos de não apontar d</i> <i>Banca</i> - - - - -	64.
<i>A hum Cabelleireiro</i> - - - - -	65.

O D E S.

<i>No dia, em-que Suas Magestades</i> <i>chegárão de Villa Viçozza</i> - - -	66.
<i>Em louvor da Amizade</i> - - - -	72.
<i>Ao Excellentissimo Senbor Marquez</i> <i>de Ponte de Lima</i> - - - - -	76.
<i>Ao Excellentissimo Senbor Marquez</i> <i>de Angeja</i> - - - - -	82.

M E M O R I A E S.

<i>A Sua Alteza</i> - - - - -	87.
<i>Ao Excellentissimo Senbor Marquez</i> <i>de Ponte de Lima</i> - - - - -	101.
<i>Ao Excellentissimo Senbor D. Diogo</i> <i>de Noronha, hoje Conde de Villa</i> <i>Verde</i> - - - - -	109.

SA-

S A T Y R A S.

Ob Bilbar	120.
A Guerra. Offerecida ao Excellen- tissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima - - - - -	130.
Os Amantes. Offerecida ao Excel- lentissimo Senhor Marquez de Angeja - - - - -	148.
Offerecida ao Excellentissimo Senhor D. Martinho de Almeida - -	168.
A Função - - - - -	184.
O Velho - - - - -	203.

ERRATAS DO I. TOMO.

A folhas 29 , ultimo Terceto , segundo verso , deve ler-se a palavra = Sobrinho = sem virgula.

A folhas 39 , segunda Quadra , segundo verso , deve ler-se = parolim =

A folhas 78 , primeira Strofe , quinto verso , deve ler-se = cheas =

A folhas 118 , segunda Quintilha , segundo verso , deve ler-se = a penna cai =

A folhas 139 , terceira Quintilha , quarto verso , deve ler-se = maniatados =

A folhas 198 , primeira Quintilha , segundo verso , deve ler-se = Frielleira =

